

IMPrensa EVANGELICA

PUBLICA-SE

N. 1

Sabbado 5 de Novembro

1864

IMPrensa EVANGELICA

PROSPÉCTO

Temos perlustrado todas as classes da sociedade com o designio de lhe prestarmos de um modo proporcionado ás suas mais legitimas exigencias na esphera religiosa: Em toda parte achamos disposição para conversações santas, desejo ardente de reformar o coração, esforços de uma alma afflicta p'or se reconciliar com Deos.—Não importa isto um protesto solemne, de que não vivemos só para este mundo, senão também para um outro mundo, que infallivelmente nos espera, logo que a morte nos transforma?

O homem, porém, parece ter no peito, á hora da devoção, um coração inteiramente differente daquelle que revela sua vida commum. — Aqui, seus actos não correspondem á religião que professa; e, se alli se mostra escrupuloso em praticar acções que lhe acarretarião a justiça de Deos, não se mostra menos naquellas que não revelião algum amor a Deos: nem sempre a santidade de suas obras confirma seus bons propósitos, raras vezes imitando a Jesus Christo aquelles que mais publicamente o confessão.

No meio do cháos de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inutil fóra descobrir-lhes as fontes d'onde borbulha o mal, se para cura-lo lhes não applicassemos meios. A publicação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica, pelo orgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios.

Se de nossos esforços não conseguirmos vingar ao minimo do nosso designio, ainda assim lisonjaremos jubilosos, por havermos cumprido com o nosso dever.

Tal é a unica missão da Imprensa Evangelica. Sahirá a cada semana um numero de 8 paginas que, além dos artigos de fide, conterá um noticiario universal de interesse puramente evangelico.

Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando á nossa folha o desenvolvimento que lhe convém, por publicações variadas, que sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarião o attractivo da novidade nas formas.

Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranho á toda e qualquer ingerencia em politica, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áqueles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos — a liberdade de consciencia perante o Evángelho.

Considerações sobre a religião.

Todas as religiões têm em commum o fim que pretendem conseguir. Todas ellas reconhecem como axioma fundamental, que a raça humana padece tanto e tão grandes necessidades, que é mister um remedio sobrenatural. Qualquer systema que não reconheça a necessidade de buscarmos fora de nós as forças indispensaveis á nossa felicidade, não passa de um systema philosophico. O sobrenatural é a linha divisoria entre a philosophia e a religião. Todas as theorias philosophicas se basão na creta de que a rehabilitação do genero humano no seu estado como do individuo, está no desenvolvim. do trabalho dos dotes do corpo e do espirito, e que a natureza nos beneficia. Se a religião auctora que negue este principio, e se atendo a fraqueza radical do homem, e a necessidade de procurarmos em outra parte as forças que a philosophia, e a natureza curta, pretende achar em nós mesmos. Esta necessidade de adjutorio sobrenatural é o ponto de par-

tida de todo o systema, que merece ser tido por uma religião na propria accepção da palavra.

Mas as diversas religiões, que, de accordo combatem os principios dos que pretendem achar nos dotes da natureza tudo quanto é necessario, para que o genero humano se rehabilite, apenas passão deste axioma, dividem-se em mil crenças irreconciliaveis. Cada uma aprecia a seu modo a causa dos males que padecemos. Os remedios proprios para cural-os, são infinitos. Onde existe accordo sobre o unico remedio proprio, ha muitas vezes grande discrepancia de pareceres a respeito da preparação e applicação desse remedio. Desta sorte succede que, não obstante todas as religiões terem em commum a salvação do genero humano, por meios sobrenaturaes, são tão diversas, que a verdade não pôde achar-se senão só n'uma dellas. Cremos ser esta a religião christã, da qual o Evangelho é exposição cabal e perfeita.

Procuremos dar uma idéa exacta do fim que a religião christã pretende conseguir. Em geral pôde-se afirmar que o fim da religião de Christo, tal qual o Evangelho a representa, é salvar a raça humana de um modo tal que o universo inteiro seja constrangido a glorificar o santo nome de Deos. Eis o problema do qual o Evangelho é a solução—a salvação do homem de um modo conforme aos principios fundamentaes da lei de Deos.

A difficuldade está na reconciliação dos attributos de um ser supremo e perfeito com a salvação de creaturas, taes como somos nós. A mesma difficuldade não tem lugar senão na religião verdadeira, pois só ella conhece a existencia de um Deos perfeito e immutavel, cujas leis não podem ser postergadas, qualquer que seja o fim que se propõe attingir. De todas as religiões, só a de Christo consegue offerecer aos homens uma salvação plena, adquirida em perfeita harmonia com os principios da justiça absoluta. As mais religiões, contanto que possam satisfazer ás exigencias de seus devotos e á ambição do seu clero, não duvidão usar de todos os meios. Todo o seu enjuncto e por conseguir o que possa contentar aquelles que as abração.

A religião christã tem como o seu alvo regenerar e salvar aquelles que a abração, sem a menor quebra da dignidade do ser supremo, e sem a menor infracção de suas leis. A condição, sem a qual não pôde haver a menor possibilidade da salvação, é, que a lei e o seu divino autor não sejam em cousa alguma menoscabados pelo Evangelho da paz e caridade, que elle offerece aos homens.

Deos, fazendo-se justificador dos homens, não pôde deixar de ser elle mesmo justo.

É faryoso confessar, que a razão humana não sabe conciliar a justiça absoluta de um Deos immutavel, com a salvação de creaturas tão indignas e criminosas, como somos nós.

Porém o Evangelho é a solução perfeita deste problema. N'elle Deos se nos revela, reconciliando consigo os homens, sem que a sua justiça ou santidade em verdade seja nisto deslustrada. Perdoando aos contritos e crentes, Deos mais que nunca merece que todas as creaturas lhe louvem a sua justiça,

santidade e caridade. A demonstração desta harmonia pede outro artigo.

(Continúa.)

Testemunho de homens distinctos sobre a excellencia da Biblia.

Diz Muller, o grande historiador: « O Evangelho é o cumprimento de todas as esperanças, a perfeição de toda a philosophia, o interprete de todas as revoluções, a chave de todas as apparentes contradicções no mundo physico e moral. Elle é a vida; é a immortalidade. Desde que conheço o Salvador, tudo é claro; com elle nada ha que não tenha facil solução.»

Diz Sir Francis Bacon: « As tuas creaturas tem sido os meus livros; porém as tuas Escripturas muito mais: eu te procurava pelas ruas, nos campos e nos jardins, mas te achei nos teus templos.»

« Eu creio que a palavra de Deos, pela qual a sua vontade é revelada, continuou em revelação e tradição com Moysés; e que as Escripturas existião desde o tempo de Moysés até o dos apóstolos e evangelistas; em cujo tempo, depois da vinda do Espirito-Santo, o livro das Escripturas foi concluido e fechado, para não receber qualquer nova addição; e que a igreja não tem o poder, depois de completas as Escripturas, de ensinar ou mandar cousa alguma contraria á palavra escripta.»

Instrução e culto domestico.

O PAL NOSSO.

— Meu filho, o que é orar?

— É dizer a Deos todo o que sentimos e pedir a Elle em nome de Jesus todo o que precisamos. Os meninos podem dirigir-se a Deos com a mesma confiança com que se dirigem a seus pais.

— Quaes são as culpas que a gente muitas vezes commette em suas orações?

— Muita gente, em vez de fechar-se em seu quarto onde a alma com o coração se communica com Deos que está presente em toda a parte, busca os lugares mais publicos para serem vistos dos homens (Matt. 6, 6). Alguns, á imitação dos pagãos, repetem sempre as mesmas palavras, como se o Deos dos christãos não pudesse logo comprehender o que desejamos. (Matt. 6, 7.)

— Como é que Deos quer que o chamemos?

Não é admiravel, que Deos, sendo tão grande e glorioso, consentisse e desejasse que homens peccadores, e até os pequeninos, lhe dessem o nome de pai?

— Se elle não nos tivesse fallado pela boca do seu Filho Jesus Christo, teriamos animo para assim orar?

— Não; mas agora que elle assim quer, como não devemos estar satisfeitos e alegres!

— Como é que um bom pai trata a seus filhos?

— Elle os ama, os sustenta, os ensina e os corrige quando fazem cousas mal feitas.

— Dizendo-se: Nosso Pai, será verdade que Deos promette tratar-nos assim?

- Deos assim trata a todos os seus filhos.
 - Como podemos ser filhos do Deos? (*Galatas 3, 26.*)
 - Que significa a palavra *nosso*?
 - Que Deos tem muitos filhos, e todos os homens são irmãos, e devem amar uns aos outros e orar uns pelos outros.
 - Porqué se diz estar Deos nos céos?
 - Para nos fazer entender a grandeza e a gloria do Deos, e a mentira daquelles que ensinão que Deos habita na terra ou tem semelhança alguma. Deos é celeste e invisível.
 - Qual é a primeira petição do *Pai Nosso*? Qual é a razão de principiar esta oração assim?
 - Para dar a saber que a gloria do nome de Deos é o fim principal do homem e de todas as cousas. (*Rom. 11, 36 e 14, 7—9.*)
 - Como é que se santifica o nome de Deos?
 - Santificamos o nome de Deos quando temos no coração taes pensamentos e sentimentos, que, ao ouvirmos ou pronunciarmos o seu nome, o façamos com reverencia, humildade e amor.
 - Como fazem os Anjos a este respeito? (*Isaias 6, 3.*)
 - Será possível que as pessoas, que a cada momento fallão em Deos, o fazem com esta reverencia?
 - Não; pois as mais das vezes é só por costume.
 - Que mandamento da lei é violado por este máo costume? (*Exodo 20, 7.*)
 - Qual é a segunda petição? (*V. 10.*)
 - O que é o reino de Deos? (*Rom. 14, 17.*)
 - Pedindo que o reino de Deos venha, o que é que desejamos?
 - Que Deos nos faça a nós e a todos os homens justos, cheios da paz e felizes.
 - Qual é a terceira petição? (*V. 10.*)
 - Como se faz a vontade de Deos nos céos?
 - Perfeitamente.
 - Para que alguém faça este rogo sem hypocrisia e mentira, o que é indispensavel?
 - Todo aquelle que vive em peccado, violando qualquer preceito da lei de Deos, emquanto continuar a viver assim não pôde pedir de coração: *Venha a nós o teu reino.*
- Para decorar.*
- Um covão.
- Viude a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos alliviarei: tomal sobre vós o meu jugo, e aprendei do mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu peso leve. (*Matt. 11, 28—30.*)
- Oração.*
- Senhor, nosso Deos, nós te damos graças por nos ensinares a chamar—*Pai nosso que estás nos céos.*
 - Faze com que te amemos, te reverenciemos e te obedecemos como filhos. Perdôa-nos as nossas culpas por amor de Nosso Senhor Jesus Christo. Ajuda-nos a glorificar o teu nome, emquanto estivermos sobre a terra, para que, em morrendo, sejamos

levados para onde não haverá mais peccado, nem dôr, nem pranto, e onde o Senhor enxugará as lagrimas de todos os olhos! Amen.

LUCIA OU A LEITURA DA BIBLIA

POR ABOLITIO MUNOS.

PROLOGO

CARTA I.

Lucia ao Sr. Cura Fabiano.

Causar-lhe-ha admiração receber uma carta minha, e esta admiração crescerá depois de sua leitura. Porém, não tenho no mundo a quem descobrir-me sobre um assumpto que me occupa ha duas semanas.

Pela primeira vez em minha vida começo a confesar que não tenho religião e a saber que desejo ter uma. Como todo o mundo, ou antes, como todas as mulheres, tambem tive um momento religioso na idade em que o coração principia a sentir a necessidade de amar, e que se entrega a Deos, na falta de outro objecto que o attraia. Entretanto, isto não foi senão como um relampago, porque immediatamente os prazeres, os obsequios que mereci á sociedade, o affecto que soube inspirar-me o Sr. de Lassalle, e por ultimo os deveres da vida, um marido, uma casa e os filhos, absorverão toda a minha attenção; e se o costume de assistir á missa com minha familia me recordava de vez em quando que existia um Deos, devo confessar que fora da igreja pensava bem pouco nelle. Meu marido, como V. sabe, Sr. Cura, pouco se importa do que faço em materia de religião, e tanto eu tenho sido indifferente, como elle inteiramente incredulo.

É provavel que V. ignore que nasci protestante, cousa de que apenas me recordo.

Perdi minha mãe, ao hascor, e meu pai aos doze annos. Quando me casei, apenas me restavão alguns parentes remotos; portanto, segui sem resistencia e sem premeditação a religião de minha nova familia, e nella se educarão meus filhos. Mas emfim, confesso com vexame que jámais communiquei.

O que me fez pensar em tudo isto, foi uma circumstancia, que a V. parecerá quasi esteril.

Em o dia de Todos os Santos, o tempo estava magnifico, sahimos a passeio, e passámos em freute aos muros do cemiterio. Nossa conversação, perdendo por um momento sua frivolidade ordinaria, versou por alguns instantes sobre a morte e o enterro; e então a mim mesma eu fiz esta pergunta: — Quando eu morrer onde me sepultarão?

Do origem protestante, catholica pelas circumstancias, mas na realidade sem ser dedicada nem á uma, nem á outra religião, a qual dellas pertenceria o meu corpo?

V. pôde pensar de mim o que quizer, Sr. Cura; mas o que é certo, é que essa duvida me tem inquietado, perseguido, e despertado as primeiras reflexões sérias, que jámais havia feito em materia de religião.

Principiei inquietando-me unicamente pelo corpo, e acabei fazendo-o também pela alma: finalmente quero saber o que sou.

O mais acertado era ser realmente catholica, pois não vejo razão alguma para voltar ao culto do meus pais; porquanto, no caso de haver igualdade entre as duas communhões, haveria mais facilidade em permanecer no que sou, ou no que se suppõe que sou.

Posso, sem ruído, ser catholica, mas não posso ser protestante, sem provocá-lo. Por outro lado, muito me repugna separar-me de meu marido e de meus filhos, e antes me exporia a soffrer tudo, do que collocar-me no risco de estabelecer uma divisão em minha familia. Além destes, ainda ha outros motivos mais graves que me attraem à religião catholica, e não os tome V. por um cumprimento, porque isto que lhe vou dizer o diria também a um ministro.

Apezar das preocupações do meu nascimento, não posso deixar de reconhecer na religião de V. um certo tom de autoridade, que não encontro na outra. Tudo me attrae para ella, sua extensão, sua ordem admiravel, sua antiguidade, a pompa de suas ceremonias, e a magnificencia de seus edificios. Entretanto, sinto a necessidade de conhecer melhor uma lei que quero abraçar de todo; e em quanto espero outras luzes, estudo o *Manual do Christão* de que usava na igreja, sem pensar no que lia.

Neste livro, o que mais chamava a minha attenção, crão aquellos trechos das Escrituras Sagradas, que se citão nelle; já porque a Biblia é o fundamento commum de ambas as religiões, e porque, lendo-a, não falto nem à fé catholica, nem à protestante; ou já por causa de um sello, ou nota particular que encontro nesta parte do *Manual*, que a distingue de todas as outras. Tudo li com gosto edificante, porém os Evangelhos e as Epistolas não me farto de ler, e deixão em meu espirito uma dupla impressão que a mim mesma não sei explicar, e que se torna necessario, que V., Sr. Cura, me faça comprehender.

Por um lado, como acabo de dizer-lhe, o que da Biblia li no *Manual* me parece ter um tom de candura e de autoridade, que me faz crer que foi escripta por inspiração divina. Mas, por outro lado vejo, em o confesso, cousas tão estranhas, tão oppostas às idéas communs, que me custa persuadir-me de que sejam verdadeiras, e de que Deos tivesse fallado assim. Olhe, Sr. Cura, já que devo lhe dizer tudo, muito me custa acreditar que Deos houvesse fallado aos homens, por qualquer modo.

Uma revelação, prophetas, milagres... Perdõe minha franqueza, pois me parece contraproducente que as cousas se passassem dessa maneira; e, se bem que esteja mui longe de crer o que meu marido diz sobre este assumpto, suas razões me alio às vezes mais do que eu quizera.

O que diz V. de tudo isto, Sr. Cura? São cousas reaes essas historias maravilhosas? V. o crê assim? Não o duvido, pois conheço a rectidão que lhe é propria. Um homem, como V., não se pronuncia sem

provas; mas, quaes são ellas? Tem V. algumas para dar-me, que satisfação completamente o meu espirito?

Não é elle dos mais accessiveis à fé, bem o vê V., porém não é refractario à luz.

Seja, porém, como for, não desejo as cousas pela metade, e uma vez empenhada neste assumpto, não quero que me fique alguma remorso.

V. já terá comprehendido o porque não me dirijo ao cura da parochia. O Sr. Aleixo é um homem de bem, porém, é um desses jovens que principião agora nas igrejas, e que não conhecem senão o seminario. O que necessito é de um homem que me inspire mais confiança, e que eu possa contar com sua discricção.

Se V. se der ao incommodo de responder-me, eu lhe supplico que não se olvide do que não tenho nem grande engenho, nem muito saber. Fallo-me V. sinceramente, e não me dê senão razões que estejam ao meu alcance.

CARTA SEGUNDA.

O Sr. Cura Fabiano d'Lucia.

O incommodo de responder a V. Ah, senhora, não me falle deste modo. A carta que me fez a honra de escrever, éa mais agradável que me fóra dado receber. O que ha de mais satisfactorio para um ministro de Jesus Christo, do que ver uma pessoa buscar a verdade, com a boa fé com que V. o faz?

E que occupação mais conforme com o meu gosto e o meu dever, do que ajuda-la nesta investigação com as minhas fracas luzes, se bem que com todo o ardor de meu ministerio?

Deos já principiou a ensinar a V., e creia que Elle mesmo o acabará. É verdade que V. segue um caminho differente daquelle que costumão seguir as almas fieis. Quasi sempre se principia crendo na igreja, e depois sobre a fé da igreja se crê na Santa Biblia, de cuja inspiração aquella nos assegura. V. ao contrario quer ir da Biblia à igreja. Não deixaria isso de causar-me alguma inquietação, se não estivesse convencido de que V. não tardará a voltar ao caminho costumado, que, sem contradicção, é o mais simples e o mais seguro.

Em pouco tempo reconhecerá V., senhora, que não ha tranquillidade bem fundada, senão para quem se entrega inteiramente à igreja, como um filho à sua mãe, para que ella o conduza a Deos. A oração, a experiencia, o estudo de seu proprio coração, e ainda, a difficuldade que V. já encontra em seu casinho, lhe farão conhecer melhor do que as minhas advertencias, e farão por arrancar de seu espirito esse resto de protestantismo, que faz com que V. inverte a ordem de sua conversão.

Quer V. que lhe apresente provas que demonstrem a origem divina do nossa santa religião. Isso seria muito mais facil, ou para melhor dizer, esse cuidado seria superfluo, se V. tirasse seguido a marcha que acabo de explicar-lhe, e aprofundido desde logo a submeter-se em tudo à decisão da igreja.

Nesse caso, em quatro palavras, tudo ou lhe teria dito: a Biblia é um livro inspirado por Deos, porque assim nos ensina a igreja, que não póla enganar-nos.

Mas no caso em que V. se acha, vejo que essa resposta não a satisfaria. Portanto não me escusarei a dar-lhe outra mais conforme com o meu desejo, para não dar-lhe occasião de que veja uma derrota em meu silencio. Deos me guarde de fazer alguma cousa, que possa escandalisar a sua nascente fé.

Porém, senhora, o ponto sobre que me consulta é de muita consideração para uma carta.

Melhor me explicarei em uma conversação, na qual V. poderá propôr-me seus embaraços e suas duvidas.

Para a semana que vem, tenho de fazer uma viagem a ***. Não terei tempo de deitar-me na ida, porém na volta terei a honra de descansar em sua casa, e poderemos então desembaraçadamente conferenciar sobre um assumpto, que por tão justos motivos, tanto lhe interessa.

(Continúa.)

A experiencia de um velho christão.

Um velho pastor evangelico, que já passou o termo de sessenta annos de idade, mas ainda continúa a desempenhar perfeitamente a sua missão, ha pouco pregou um sermão aos velhos de sua parochia. Desejando inostrar quanto é bom que o christão á proporção que vai se approximando do termo de sua vida, desprenda-se mais e mais de cousas mundanas, servio-se desta comparação tão bella como justa:

« A terra, no teu gyro annual, sempre se conserva 95 milhões de milhas ou quasi 24 milhões de leguas distante do sol. Com o decurso do tempo, esta distancia nem se diminui, nem se augmenta, e por consequencia o sol á nossa vista, e em relação á terra, é um objecto insignificante.

« Mas, supponhamos que a terra deixando de seguir a sua orbita em roda do sol, á distancia de 24 milhões de leguas, fosse em direitura para o sol, approximando-se deste com a mesma rapidez com que agora caminha na sua orbita actual; a — cada instante, o sol parecer-nos-hia fazer maior vulto, dilatando-se e enchendo o espaço com os seus raios e brilhe: não tardaria a occupar tal extensão do espaço, e a fazer-se tão brilhante, que em comparação á terra, pareceria ser nada.

« Tal é agora o meu modo de olhar a vida do homem sobre a terra. Quando era menino, e no verdor da mocidade, a eternidade me parecia estar muy distante. Pouco se me dava de pensar nella. Porém, agora que tenho chegado á uma idade tão avançada, segundo me está parecendo, a terra não segue mais a sua orbita em roda do sol, mas vai rapidamente approximando-se d'elle em linha recta. Cada vez distingo melhor as cousas eternas, as quaes vão augmentando de proporção, ao passo que a distancia que nos separa vai-se diminuindo. Já vivo preocupado dos interesses da vida que me espera além dos tempos, e a terra, com tudo quanto o coração humano ambiciona, vai desvanecendo-se no mais amplo horizonte que se me abre. »

Esta experiencia, infelizmente, não é de todos os velhos!

8. Paulo e a oração.

« Rogo-te, pois, primeiro que tudo, se fação supplicas, orações, preces e acções de graças por todos os homens: pelos reis, e por todos que estão elevados em dignidade, para que vivamos uma vida socegada e tranquilla, em toda a sorte de piedade e de honestidade, porque isto é bom e agradável diante de Deos nosso Salvador. » — (Ep. 1.ª a Timotheo, cap. 2, v. 2 e 3.)

Notemos: 1.º Os christãos devem ser dados frequentemente á oração, abundar nella, e habituar-se ás supplicas e preces.

2.º Devemos, em nossas orações, interessarmo-nos generosamente por outros, tanto como por nós mesmos. Devemos orar por todos os homens, dar graças por todos os homens, e não limitar nossas orações ou acções de graças ás nossas proprias pessoas ou familias.

3.º A oração consiste em varios modos: supplicas, intercessões e acções de graças; porquanto, devemos orar tanto pelas misericordias de que necessitamos, como devemos ser gratos pelas misericordias já recebidas, deprecando os juizos que merecem os peccados, nossos e os dos outros.

4.º Todos os homens, até os mesmos reis, e os que estão em autoridade, necessitam de nossas orações, porque elles lutão com muitas difficuldades, e estão expostos a muitos laços, em razão de seus elevados cargos.

5.º A oração-pelos que nos governão é o melhor meio de alcançarmos uma vida tranquilla e socegada. Os Hebréos, em Babilonia, forão admoestados para buscarem a paz da cidade, á qual foi Deos servido leva-los em captiveiro, e pedir ao Senhor por ella; porque na paz da mesma terião tambem elles paz. (Jeremias xxix, 7.)

6.º Se desejamos ter vida socegada e tranquilla, devemos viver em toda sorte de piedade e honestidade, isto é, cumprir com os nossos deveres para com Deos e os homens. « Porque o que quer amar a vida, e ver os dias bons, refreie sua lingua do mal, e os seus labios não profirão engano. Aparte-se do mal, e faça o bem: busque paz, e vá após della. » (Pedro III, 10—11.)

Ora, a razão para isto tudo, é porque isto é bom, diante de Deos, nosso Salvador; isto é, o Evangelho de Christo exige, que assim o façamos. Devemos, pois, fazer e abundar naquillo que é agradável á vista de Deos nosso Salvador.

A caridade.

Sublime virtude! Aquelle que sente o seu coração tocar-se de tua inspiração, realiza em seus actos o cumprimento da lei que resume o amar a Deos sobre tudo, e ao proximo como a si mesmo, a qual foi testificada por Moysés, dando-lh'a Deos, dividida em dez mandamentos.

Oh santa caridade! Aquelle que sente tua luz inundar-lhe o peito, estenderá sua mão e sobre os

caros apodrecidas do leproso, e sem repugnar o lodo da gangrena e o contacto do pus, uma a uma e pensarás as ulceras, com o cuidado que quizera na vida doquelle que tivesse de amputar um dos membros do seu proprio corpo!

Divina caridade! Quando tua irradiação celestial projectar-se em meu coração, é que a *Graça do Divino Espírito de Deus*, pela crença em seu Bemdito e unigenito Filho, Jesus, terá do todo vasado o negro fútil e todas as abominações que elle segrega, o lodo amando de todas as corrupções que elle transpirada!

Caridade! Sinta-a o teu coração, — poderoso rei, te avassallas interminaveis legiões de subditos, te te assentas no apice das imunidades e grandezas, — e teus pés descalçarão os burzaguins remanados de ouro e pedrarias, para se rasgarem, nós, as sarças da floresta, para se golpearem nos estalagos do gelo, em procura do viandante transviado e perdido, em busca do mendigo repellido pelo egoismo social! Tua frente e teus membros se despojarão dos tropeços, das esmeraldas e brilhantes; tocarás a terra da terra pela aureola dos apóstolos do Evangelho; coserás teu corpo à tunica andrajosa do peregrino, e trocando a sumptuosidade de teu solio de brocado e púrpura pelo lecto humido de ignorado mendicinho, ávido correrás a dar tua mão unvida e dialana à mão mirrhada e macilenta pelas labaredas da febre, e a unir tua cabeça soberana ao craneo e midermes encarquilhadas pelos sulcos da miseria e agridor do abandono!

Corre, corre, discipulo de Jesus, que achaste a graça da fé diante do Arbitro dos reis do universo!
Corre, corre, quem quer que tenhas sido, oh! peccador, em cuja frente predestinada projectou-se essa luz divina que cogou a Saulo na estrada de Damasco!

O egoismo reclinado nos coxins da voluptuosidade, lambiando as concussões do mercantilismo, rasgando as crenças, e lacerando as emoções da viuvez e orphandade, com as delapidações da usura, nos delirios da ambição ferrenha e cega, excommungará tua avider! e a sociedade em peso vociferará anathemas que te envolverão como o pó sacudido por teus sapatos, ao deixa-la, e levantado em tua carreira! Mas corre mais, e sempre, oh! crente, e arrependido, que te prosternaste diante do Filho de Deus, para lavar-te com o sangue da salvação de Jesus, e agora levas em teu alforge metade do teu pão para os que cairão além, exhaustos pela fome! Elles não de sorrir agradecidos, e tu lhes ensinarás a dar graças ao que te deu a beber da agua da vida!

A Epistola de S. Paulo aos Romanos, analysada.

Cap. I: 1—7. *A saudação do costume*, em que Paulo se declara divinamente chamado para pregar o Evangelho do Deus homem entre todos os povos.

Cap. I: 8—16. *Introdução do thema* enunciado nos versos 16 e 17. 1º: Paulo busca captar a bene-

volencia dos Romanos, manifestando quanto desejava vê-los, e como fazia continua lembrança delles, louvando a Deus pela sua firmeza na fé.

2º: Manifesta a vontade que tinha de, na capital do mundo, annunciar as boas novas de que elle era interprete autorisado.

No 16 e 17. *A Proposição ou Thema* cujo desenvolvimento forma o corpo da epistola. Este thema é o seguinte:

O Evangelho, do qual Paulo era prégador, é a manifestação do unico plano divinamente concebido e autorisado para salvar os homens. O que ha de caracteristico e distinctivo no Evangelho é: PAIXEIRO, que a condição indispensavel da parte dos que queirão salvar-se—é a fé, ficando, pois, annulladas as exclusões, por causa de nacionalidades. Segundo, a salvação dada aos crentes funda-se na justiça divina.

O Evangelho descobre e offerce aos crentes a rectidão necessaria para que o peccador seja absolvido, sem derogar da lei de Deus. Essa rectidão é de Deus, pois provém da obediencia e paixão de seu unigenito Filho, e é por Deus Pai aceita, como adequada para satisfazer as exigencias da sua lei. Essa rectidão é imputada áquelles que crêm em Jesus-Christo, de sorte que estes são justos pela fé, e vivem a vida espirital e eterna (*).

O desenvolvimento deste thema, em razão de ser a igreja em Roma composta de Judeos e de Gentios, necessitou que Paulo provasse que nem para uns, nem para outros havia possibilidade de salvação pela sua propria rectidão. Esta proposição prova-se quanto aos Gentios desde v. 18 do cap. I até o fim, e quanto aos Judeos desde v. 1 do cap. II até v. 20 do cap. III.

Os principios sobre que a argumentação de S. Paulo se basea, são a certeza de haver punição onde ha culpa, e que ha culpa onde o homem sabendo ser qualquer acto criminoso, o commetta.

Applicando estes principios fundamentais aos Gentios, que ignoravam a lei escripta, diz Paulo, que são inescusaveis, pois fazem cousas taes, que a sua propria consciencia e a luz natural os condemnão. Enquanto os Judeos, tendo uma lei mais clara e perfeita, que não guardavão, erão ainda mais criminosos.

Esta prova negativa de ser o Evangelho o unico meio de salvação, dá em resultado a convicção tão necessaria como terrivel que Paulo exprime no cap. III desde v. 9 até 20.

(*). *A justiça de Deus*, é phrase que o leitor portuguez difficilmente poderá comprehender aqui, e em outras muitas passagens da Escripura Sagrada. Não se refere ao attributo divino que se chama a sua justiça. Seria absurdo fallar em imputar ou attribuir aos homens a justiça de Deus, se o sentido fosse este. O original grego esclarece perfeitamente a verdadeira significação da *justiça de Deus*. *Dikaiosune* é tudo o que faz com que algum seja tão como recto ou justo. A *dikaiosune* de Deus significa o que Deus de sua graça attribue ou lança á conta dos fiéis, par aquie estes se não tivessem rectos ou justos. A materia desta *dikaiosune* ou rectidão, é os infinitos merecimentos do eterno filho de Deus. Eis porque se diz ser ella de Deus.

Cap. III: 21—31. — *O amigo do thema ou a declaração positiva de ser o Evangelho a manifestação do meio pelo qual os homens, faltos, como estão, de merecimento proprio, podem, mediante a fé nos merecimentos de Jesus Christo, justificar-se perfeitamente diante de Deos. Isto succede assim. A lei divina, cuja pena é a morte, condemna, como fica provado, tanto aos Judeos como aos Genticos.*

A immutabilidade do Ser Supremo não consentia que a sua lei deixasse de ser executada. Para que a sua lei fosse executada, e uma salvação gratuita offerida á raça humana, o filho de Deos e da Virgem Maria offereceu-se sobre a cruz, como victima propiciatoria e vicaria pelos peccados dos homens. Em razão, pois, da redempção feita pelo sangue de Jesus, Deos achá-se justo mesmo quando justifica aquelles que têm fé em seu filho (**). Estes, pela fé, tornão-se participantes da rectidão, que consiste nos merecimentos infinitos do Redemptor. Em outras palavras, a lei que antes os condemnava á morte, por causa do seu proprio demerito, agora lhes assegura a vida eterna, em razão de lhes serem impulados os merecimentos de Christo, a quem elles se unem pela fé.

Como consequencia que necessariamente se liga ao systema evangelico, Paulo nota que fica excluído todo o motivo de homem algum gloriar-se, pois a salvação é gratuita e pela fé (v. 27); e tambem põe termo á differença que havia entre Judeos e Genticos (v. 29). Em resposta á objecção que os Judeos havião de fazer, Paulo accrescenta que a sua doutrina não destruiu a lei antiga, mas pelo contrario, estabelece essa lei, realisando o que ella figurava.

Cap. IV. — Prova-se que Abrahão e David pelo seu exemplo e ensino testemunharão que a salvação é pela fé no sangue de Jesus, e por consequencia gratuita. Esta referencia ao pai dos crentes e a David tinha muita applicação aos Judeos, pois provava que a fé de Paulo era de todos os tempos — era a fé catholica.

Cap. V: 1—11. — *Apreciação dos fructos de justificação gratuita pelos merecimentos de Jesus Christo.* — Os justificados têm paz com Deos, grande consolação na presente vida, e uma certeza da vida eterna, tão firme e indefectivel quanta é a caridade divina d'onde emana a graça justificante.

V. 12—21. — *O paralelo e o contraste que ha entre a origem do mal e o remedio que o Evangelho descobre.*

Todos os descendentes de Adão tornão-se partici-

(**) A palavra *infundida*, introduzida pelo padre Figueiredo, deve ser riscada. Nem o original grego, nem a vulgata latina trazem semelhante palavra. Além de ser adicionada ao texto, dá lugar á idéa erronea de ser a justiça ou rectidão indigenavel á justificação do crente, uma graça *infusa*, quando o não é. A justificação do peccador é uma coisa, e a sua santificação outra. Esta é obra progressiva, em virtude da interna operação do Espírito-Santo; e aquella é instantanea e perfeita pela imputação, pela fé dos infinitos merecimentos de Jesus Christo.

pantes das terriveis consequencias da sua desobediencia. Isto é mais que uma theoria ou doutrina, é um facto. Igualmente o é que os crentes pela fé em Jesus Christo recebem a justificação como dom gratuito. Até aqui o paralelo.

Ha notavel contraste em que a graça de Jesus é remedio sufficiente, não só para o peccado original, mas para todos os peccados. Ainda mais os fructos da graça que havemos de gozar no paraizo celestial são muito mais abundantes e ricos que erão os do paraizo, perdidos por culpa de Adão.

Cap. VI e VII. — *A refutação de certas objecções que á primeira vista parecem ter cabimento contra a doutrina da justificação pela graça.*

V. 1. — *Primeira objecção* apresentada pelos adversarios de S. Paulo. « Se com effeito onde o peccado abundou, superabundou a graça, logo é licito vivermos em peccado, afim de que a graça divina se manifeste cada vez mais brilhante. »

Paulo responde a esta impia proposição, fazendo ver que a participação dos merecimentos da paixão e morte de Jesus nunca tem lugar, senão no caso daquelles que recebem uma nova vida. A fé justificante não é uma creença esteril. É um dom sobrenatural que estabeleco entre o crente e Jesus uma união tão vital e intima, que é impossivel que aquelle, por pretexto qualquer, viva mais naquillo que tanto offende a este.

V. 15. — *Segunda objecção.* — « Se as nossas proprias obras de maneira alguma são attendidas, quando Deos nos justifica, é-nos escusado guardar a lei. »

Paulo repelle tal idéa com horror, appellando para a verdade dos factos. A liberdade do Evangelho e a licença nos costumes não podem coexistir.

A historia de todos os tempos, tanto como a vida dos membros da Igreja, em Roma, cujo exemplo Paulo aqui cita, prova exuberantemente que uma fé não fingida nos infinitos merecimentos de Jesus, sempre obra por caridade e purifica o coração onde ella habita.

V. 7 do Cap. VII. — *Terceira objecção.* — « A lei moral, além de inutil, é a causa de nossos crimes. »

Paulo responde, explicando como a lei em si é santa, justa e boa; porém em razão da fraqueza, a concupiscencia dos homens, a justificação destes, tanto como a sua santificação, tem principio e fim na graça de Deos por Jesus Christo Nosso Senhor.

Cap. VIII. — Terminada no precedente capitulo a logica exposição do modo por que o peccador se justifica, segue-se neste capitulo uma animadissima descripção do feliz estado dos justificados.

Os seus privilegios são:

V. 1—4. Estão livres da condemnação da lei.

V. 5—11. Nelles habita o espirito de Christo. O qual os regenerou e cada vez mais santifica.

V. 12—17. São filhos de Deos e herdeiros de gloria.

V. 18—28. As suas afflicções não impugnaõ isto, pois não tem proporção com a gloria vindoura, e contribuem para o bem espiritual dos que as soffrem.

V. 29 — 30. Em razão da imutabilidade dos conselhos divinos, e da infinita graça de Deus, manifesta em Christo Jesus, a sua salvação eterna é certa.

Paulo está « certo que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as cousas presentes, nem as futuras, nem a violência, nem a altura, nem a profundidade, nem outra creatura alguma nos poderá apartar do amor de Deus que está em Jesus Christo Senhor Nosso. »

Cap. IX, X e XI. — O thema do v. 16 do cap. I diz que, a salvação annunciada no Evangelho é dada indiscriminadamente aos Judeos e aos Gentios, com tanto que tenham fé.

Esta doutrina parecia em contradicção com a revelação do Velho Testamento. O Apostolo se vê forçado a explicar a *rejeição dos Judeos* e a *vocação dos Gentios*, nestes capitulos, citando o Velho Testamento, para provar que tudo lá está prophetisado.

Concluindo esta parte do assumpto, o Apostolo, com o intuito de abrandar a dor que naturalmente sentirão os Judeos pertencentes á igreja em Roma, traz duas considerações consoladoras:

1.º Muitos Judeos (e destes erão Paulo e seus leitores da raça Abrahamica), aggregando-se a Christo, não forão rejeitados.

2.º A conversão do resto da nação está destinada para o futuro.

Caps. XII, XIII, XIV, XV e XVI. — O Apostolo, como era do seu costume, concluindo a parte doutrinal e argumentativa, fez aos Romanos as *exhortações convenientes das circumstancias em que se achavão*. A fé, que não obra por caridade, é morta. As doutrinas, que não se traduzem em obras de piedade e amor para com os nossos semelhantes, não podem ser divinas.

NOTICIARIO.

Os noticiadores mais bem informados são concordes em dizer que um tratado se assignou em Paris, no dia 15 de Setembro, entre a França e a Italia. As suas principaes condições são as seguintes:

1.º As tropas francezas deixarão Roma dentro do prazo de dous annos, até dar tempo ao governo romano de organizar a sua força armada. Este prazo pode ser encurtado, se as circumstancias o permitirem, mas não prorogado;

2.º Retiradas as forças francezas, o governo italiano obriga-se a respeitar as fronteiras romanas, e a impedir que alli penetrem forças armadas regulares ou irregulares;

3.º Os governos de França e de Italia comprometem-se a não permittirem nenhuma intervenção estrangeira em Roma;

4.º O governo italiano toma á sua conta os encargos das quatro quintas partes da divida do governo romano.

O tratado regula muitos promenores, que não são conhecidos, e que não têm a importancia das precedentes bases fundamentaes.

Presentemente discute-se na Grecia uma nova constituição, cujos artigos são os seguintes:

Art. 1.º A religião dominante na Grecia é da igreja oriental orthodoxa de Christo. É tolerada qualquer outra religião conhecida, e os que a professão podem livremente exercê-la no seu culto, sob a protecção das leis. O proselytismo e qualquer outra intervenção prejudicial á religião dominante ficão prohibidos.

Art. 2.º A igreja orthodoxa da Grecia, reconhecendo como chefe Nosso Senhor Jesus Christo, conserva-se indissolvelmente unida; quanto aos dogmas, á grande igreja de Constantinopla; e a qualquer outra igreja de Christo, que professe as mesmas doutrinas. Conserva na sua integridade, como as igrejas acima mencionadas, os canones apostolicos e os dos concilios, assim como as santas tradições; só difere de si, exerce os seus direitos soberanos, independentemente de qualquer outra igreja, e é governada por um synodo de bispos.

Os arcebispos, bispos, e padres da igreja catholica, deverão ser cidadãos Gregos.

Muito bem diz Guizot: que « a fé e a liberdade religiosa não podem coexistir, sem que se desenvolva o espirito de proselytismo. A falta desse espirito implica necessariamente, ou que a fé religiosa é morta; ou que não ha liberdade de consciencia. »

Por mais que a Grecia e outros paizes o queirão achar, não ha meio termo. A negação do direito de propagar a fé é a morte da fé. Qualquer tolerancia ou liberdade, que não garantir este direito, é uma irrisão.

Pharaó, querendo acabar com a nação escolvida, a tolerava, mas tomou providencias para que os filhos machos morressem. A tyrannia religiosa não tem sabido inventar melhor medida, para conseguir os seus fins.

Consta da Republica de Venezuela, que a constituição ultimamente adoptada, estabelece a liberdade de cultos. É um passo na senda do progresso verdadeiro.

IMPrensa EVANGELICA

Publica-se nos primeiros e terceiros sabbados de cada mez. — Assigna-se no escriptorio da redacção, rum do Hospício n. 93.
Por anno 6\$, semestre, 3\$ e trimestre 1\$700. Numero avulso 720 réis.

N. 2

SABBADO 19 DE NOVEMBRO.

1864.

IMPrensa EVANGELICA

Sinceramente gratos ao acolhimento daquelles que aceitarão e saudarão a *IMPrensa EVANGELICA* em seu apparecimento, em cujo numero muito folgamos de contar o *Constitucional*, o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio de Janeiro*, não podemos deixar passar despercebida a eloquente expressão de sympathia e bondade da illustrada redacção deste orgão da opinião publica.

Estendendo-nos a mão, são por certo bem animadoras estas palavras:

• Partidarios da liberdade de consciencia, folgamos com a apparição de mais um lutador no campo da moral. E' da discussão elevada, esclarecida e tolerante, que nascem as convicções firmes.

• O primeiro numero da *Imprensa Evangelica*, que temos á vista, é escripto com dignidade, com a moderação propria de verdadeiros christãos, de homens que respeitão as crenças alheias para fazerem respeitar as proprias.

Já o dissemos, e dizemos ainda mais: — tão valiosa e conscienciosa emulação bastaria a fazer-nos proseguir, quando não houvesse sido decisiva de nossa parte a effectividade da disseminação das verdades evangelicas, explicadas com a moderação e dignidade proprias dos que respeitão as crenças alheias, na arena constitucional da liberdade de consciencia.

Aos nossos assignantes: — A *IMPrensa EVANGELICA* continuará a ter oito paginas de impressão, e, para não diminuir na materia, julgamos melhor distribui-la, nesse formato, duas vezes por mez, ficando assim definitivamente regularizada a sua publicação.

Circumstancias imprevistas nos obrigarão a esta alteração, para a qual contamos com o benevolente assentimento dos nossos assignantes.

A salvação por Jesus.

I.

Meritos proprios, que de mim crescestes,
Do vituperio e da vaidade aos sopros,
E quasi, quasi os céos assoberbastes;
Fugi! fugi, que do EVANGELIO as portas

De par em par abrirão-se aos meus olhos!
Fugi! fugi, que em face à luz divina
Do erro as trevas espancadas fogem,
E indigno, e imundo verme, em tuos confusos
Das maldições curvado à enormidade!

Quem vem defender-me, neste arduo momento,
De tanto tormento, de tanta afflicção?
De tantos delictos quem vem resgatar-me?
Quem vem despertar-me de tanta illusão?
Só Tu, meu Senhor! Só Tu: mais ninguém;
Que os santos não têm poder para tanto:
Se os homens comigo levarão-te à cruz,
Eu crendo em Jesus, no céo serás santo!

II.

Por que declives rápida descias,
Oh minh'alma! oh minh'alma! a sepultar-te
Nas labaredas de eternas torresmos!!
« O que crê será salvo; e condemnado
« Já está o que não crê! » (dissesdes aos homens).
« Se tu, Thomé, só vendo acreditaste,
« Quão feliz não será o que não viu-me,
« E eró que eu vim ao mundo resgata-lo? »
« Porque do peccador não quero a morte,
« Mas antes que elle se arrependa e viva! »
« Não vim perder o mundo, mas salva-lo! »
« Ide pois a ensinar todas as gentes
« A observar as cousas que vos mando,
« E fidei certos que estarei convusco
« Até se terem consummado os seculos! »
« A toda a creatura baptizando,
« Prégai o evangelho a todo o mundo! »

Como salvar est'alma immersa em trevas,
Sem crêr n'aquelle que salvou minh'alma?
Sem caminhar, com fé, da luz ao fôco,
Que nas paginas santas do evangelho,
De si fallando, diz: — « Sou luz, sou vida! »
Como a carga posar dos meus peccados,
Senão tomando o jugo do servo,
Tão leve o peso do pastor amado,
Daquelle coração tão mauço e humilde
Que ás fontes d'agua viva me convida?

III.

Como salvar-me, na inerteza horrível
De tantas condições contraditórias,
Repugnantes, e absurdas ao mesmo
A' razão, este selo tão sublime,
Que n'um sopro divino o Deus Eterno,
Com o dom da vida, me imprimiu na fronte?
Cumprindo a lei, eu fora um servo inútil,
E por cumprir, a maldição fiera
Da original e hereditária culpa,
Em um só ponto transgredindo-a, eu fora,
Sem remissão, eternamente escravo!
E réo, maldito, transgressor do poeto,
A minha estéril fé, mentida, indigna,
Na permuta fundei de minhas obras
P'ra posse de um réo sempre impossível!

Como salvar-me? (Ai! cegos! Vinde, é tempo!)
Como salvar-me do infernal destino?
Limpidas aguas, crystallinas, puras,
O sacrificio de Jesus me davão,
Enquanto afflicto eu repugnava os labios
Nas paludosas fezes da mentira!

Como salvar-me, peccador já salvo,
Sem cairinhar, com fe no meu resgate,
A Jesus, que des'arte me dizia:
— « Lavei as vestiduras no meu sangue,
« E entrareis na cidade pelas portas!
« Fôra daqui os réos e os mentirosos;
« Fa sou a agua da vida; vinde ás aguas,
« E bebi até fartar-se o que tem sede,
« E receba de graça a agua da vida! »
« O caminho sou eu, vida e verdade;
« Sem mim ninguém ao Pai jámais se chega;
« Ninguém senão por mim, pôde ir áquelle
« Que me enviou, para salvar o mundo. »
« Vinde a mim, que eu estou á porta » bato,
« E o que vier jámais lançarei fóra! »

IV.

Rasgado o véo do tabernaculo antigo,
Seria aos peccadores livre o accesso:
Nao mais inúteis hostias e holocaustos,
Nao mais inúteis asperões e victimas,
Nao mais pontificaes intercessores;
A arca sobre a qual a gloria excelsa,
Em columna de luz, testemanhava
A presença de Deus que a lei dictara
Ao seu servo Moyses,—ficara livre
Ao contacto do povo israelita:
— E o véo se rasgou, quando o Messias,
Por nossos crimes, no madeiro exposto,
Obedecendo ao Pai, cumpria a ordem
Pelo primeiro Adão recalitrada!
E o véo se rasgou, quando o Cordeiro,

Rasgada a fronte, e o fel sorvido, em tudo
Da maldição da lei nós resgatava,
Dependurado no maldito lenho!
E o véo se rasgou, quando a justiça
Foi satisfeita por quem, só, podia,
Sem ter peccado, se fazer maldito,
O pagamento, assim, satisfazendo,
Que nos era impossível, e de graça
O offerecendo áquelles que quizerem
Aceitar tanto amor! Tanta bondade!
E o véo se rasgou, quando elle, o Christo
O espirito resdeu, n'um grande brado
Ao Pai, que não lhe transferira o calix!
E o véo se rasgou, quando atardidos
Os soldados de cesar, os escrivas,
Os pharisens e o povo amedrontados
Occultavão no chão pallidas fronte!
E o véo se rasgou, quando entre nuvens
Occulto o sol n'um firmamento em luto,
De trevas revestia o mundo inteiro!
E o véo se rasgou, quando contrito
O ladrão da direita resurgia
No paraiso, sem purgar seus crimes,
Sem outro interessor além de Christo,
O rei, o salvador, o holocausto,
A hostia viva, uma só vez p'ra sempre
Cancellada na cruz, e um sacerdote
Compassivo, sympathico e perfeito!

Hosanas, minh'alma! que o teu salvador,
Que o teu redemptor por ti já morreu!
De jubilo rende-te, oh meu coração,
Que o véo da illusão teu Christo rompeu!

Hosanas! que Christo morrendo contigo,
Teu grande castigo na cruz expiou!
Tens um sacerdote perfeito em Jesus,
Hosanas á cruz! que o véo se rasgou!

S. N.

Considerações sobre a religião.

(Continuação do n. 1.)

Já dissemos que o signal distinctivo do evangelho é, que só nelle encontramos realizada a conciliação das exigencias da justiça divina com a salvação do genero humano.

E' necessario ponderarmos bem os termos desta proposição, pois o uso de palavras mal definidas ou vagas ha de tornar obscuro o pensamento. Ser exacto no fallar é indispensavel para quem pretende sô-lo no pensar.

Primeiro que tudo é mister comprehendermos o que se entende pela justiça divina.

E' impossível que haja justiça onde não ha lei. A mesma idéa de justiça implica necessariamente a exis-

tencia de uma lei fixa e determinada. Sempre concebemos a justiça em relação a uma lei que ella tem por fim executar fielmente. Fallando em rigor, não podemos admitir a menor contradicção entre os actos da justiça e as exigencias da lei que ella propõe executar.

A perfeição do Ser Supremo nos obriga a concluir que a norma de suas acções é a sua propria natureza. Deos é a sua propria lei. Nelle não pôde haver a menor imperfeição ou arbitrariedade. Por ser quem é, Deos é todo perfeição. E' impossivel que elle deixe de obrar segundo exigem as perfeições que lhe são proprias.

Dizendo, pois, que Deos é justo, affirmamos que elle não pôde negar-se a si mesmo, deixando de executar as leis por elle impostas á creatura. Estas leis necessariamente são justas, santas e perfectas; porque assim exigem as perfeições divinas. Deixar de executar-as seria negar-se a si mesmo.

Em relação aos homens, a justiça divina exige que não haja a menor quebra da lei que Deos nos manda observar. E' impossivel que os preceitos desta lei sejam imperfeitos ou demais severos. Igualmente é impossivel que « um só i ou um til passe, sem que tudo seja cumprido. » Para darmos uma exposição perfeita dessa lei, não carecemos senão citar as palavras daquelle que « falla como nunca homem algum fallou. » Disse Jesus Christo a um escriba que lhe perguntou sobre os mandamentos de Deos: « De todos, o primeiro mandamento, é:—Amarás o Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. Este é o primeiro mandamento. E o segundo semelhante ao primeiro, é:—Amarás o teu proximo como a ti mesmo. » Eis a exposição cabal e perfeita do dever de todo o homem. Eis o que Deos, com toda a justiça, exige de nós. Aquelle que tiver fielmente guardado esta lei, sem jámais ter faltado em um só ponto, será tido por justo perante o tribunal de Deos. Esse tal se salvará a si pela sua propria rectidão. Não carece de adjutorio sobrenatural, nem tão pouco de um salvador.

Porém, tal homem não existe. A' vista da perfeição da lei da caridade, todo aquelle que conhece a si mesmo, sente-se forçado a confessar, que é mil vezes réo da pena em que incorrem os transgressores da lei. Não ha quem tenha amado a Deos de todo o seu coração, de toda a sua alma, e de todo o seu entendimento, e a seu proximo como a si mesmo. E' preciso ser muito ignorante e estúpido, para não conhecer este facto. Por consequencia, somos devedores á justiça divina. Em razão de termos faltado ao cumprimento do preceito fundamental da lei de Deos, temos incorrido na pena dessa lei. A justiça divina, sem deixar de exigir que para o futuro guardemos a lei original, cujo complemento é a caridade, agora que somos criminosos á vista de Deos, exige ainda mais que seja executada a pena, que merecem os nossos crimes actuaes. Além de amar a Deos com amor supremo e ao proximo como a nós mesmos—lei fundamental que não pôde ser revogada ou dispensada—é de rigorosa necessidade, darmos satisfação por termos já faltado ás nossas obrigações.

Desta apreciação das exigencias da justiça divina resulta uma convicção profunda da fraqueza e criminalidade da nossa raça. Parece impossivel achar meio de reconciliar o peccador com Deos, sem derogar da sua autoridade, sem abater muito o rigor da sua lei. O homem é incapaz, quer de guardar no futuro os preceitos da lei de Deos, quer de dar satisfação pelo que já está devendo. De facto, todo o homem que interpreta a lei divina, sem torcer o seu claro sentido, e cuja consciencia não dorme, reconhece que o guarda-a é cousa superior ás forças humanas. Diz S. Paulo que « pela lei vem o conhecimento do peccado. » Quanto mais profundamos a lei, tanto natural como revelada, tanto mais evidente torna-se a radical fraqueza do homem. Tanto é isto assim, que a humildade é a virtude que em todas as épocas mais caracteriza aquelles que são distinctos pelo seu desenvolvimento intellectual e moral. E por outro lado, é nas épocas da escuridão e entre os povos decahidos, que prevalecem os principios philosophicos e religiosos que tendem a endeosar a humanidade. O menor conhecimento do que somos serve para provar que é de todo impossivel que homem algum cumpra perfeitamente por um só dia com esse preceito que em si encerra toda a lei e os prophetas « amarás ao Senhor teu Deos de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e a teu proximo como a ti mesmo. »

Mas enquanto Deos continuar a ser quem é, justo, santo e fiel, não pôde ceder o direito que tem ao nosso amor supremo, nem consentir que em permuta pelos affectos do coração lhe tributemos actos de culto exterior, estereis e insignificantes. Se taes actos tivessem o valor que se pretende dar-lhes, Deos por certo nol-o teria dito quando promulgou as suas leis. Em testemunho de que não o tem, estão acordes a razão e a voz da consciencia e o evangelho. Ainda que passem os céos e a terra, toda a palavra de Deos permanece para sempre. A lei divina ha de cumprir-se. Todo o transgressor pagará por suas culpas. Para que Deos e os homens se reconciliem, é indispensavel, pois, descobrir-se um meio de satisfazer duas condições que envolvem uma apparente contradicção. Em primeiro lugar, é preciso que se faça uma satisfação condigna a nossos crimes, e em segundo lugar, que a caridade torne a dominar em nosso coração. Segundo os termos da lei, a pena de toda a transgressão é a morte. Logo, a unica satisfação que deixará intacta a lei prescripta é a morte do transgressor.

Mas, onde acharemos a solução deste problema? Acaso será possivel que o transgressor ache na morte a sua vida?

O evangelho que nos responde.

(*Continúa*).

Testemunho de homens distinctos sobre a excellencia da Biblia.

Sir Matthew Hale, que nasceu em 1600, e foi juiz do tribunal superior de Inglaterra, e cuja memoria

atê hoje é grata a todo o inglez virtuoso, escrevendo a seus filhos, lhes deu o seguinte conselho: — « Lêde todos os dias séria e reverentemente uma porção das Escripturas Sagradas, e quanto fór possível informai-vos da sua historia e doutrina.

• A Biblia é um livro cheio de luz e sabedoria; elle vos fará sábios para a vida eterna, e vos fornecerá regras e princípios para dirigir e regular a vossa vida segura e prudentemente. Não ha outro livro igual á Biblia na excellencia da sua instrução, sabedoria e moral. »

O celebre poeta John Milton disse: — « Deos ordenou o seu evangelho para ser a revelação do seu poder e sabedoria em Jesus Christo. Quanto é profunda a sua sabedoria, se vê nisto: que elle pôde revelá-la tão claramente á comprehensão fraca e errônea do homem decaído.

• Se outros temem e evitão as escripturas, pela sua obscuridade, eu quero merecer a honra daquelles que as admirão e meditão nellas por sua clareza.

• A verdadeira religião é o verdadeiro culto e serviço de Deos, apprendido e acreditado só da sua palavra.

• Nem homem, nem anjo, pôde saber como Deos deve ser adorado e servido, se Deos mesmo não o revela; porém elle nol-o tem revelado e ensinado nas escripturas sagradas, por prophetas inspirados, e por seu proprio filho e seus apóstolos, com ordem rigorosa de rejeitar quaesque rontas tradições, ou addições. »

S. Paulo diz: — « Mas ainda quando nós mesmos, ou um anjo do céu vos annuncie um evangelho differente do que nós vos temos annuciado, seja anathema. » Gal. 1:8.

Movés diz: — « Vós não ajuntareis, nem tirareis nada ás palavras que eu vos digo: guardai os mandamentos do Senhor vosso Deos que eu vos intimo. » Deuteronomio 4:2.

S. João diz: — « Porque eu protesto a todos os que ouvem as palavras da prophécia deste livro: Que se algum lhe ajuntar alguma cousa, Deos o castigará com as pragas que estão escriptas neste livro. E se algum tirar qualquer cousa das palavras do livro desta prophécia, tirará Deos a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das cousas que estão escriptas n'este livro. »

Apocalypse 22: 18—19.

Portanto, com a mais sabia e santa razão, as igrejas evangelicas, de commum accordo, mantêm estes dous pontos, como princípios essenciaes da verdadeira religião: que a regra da fé é só a palavra de Deos; e que a sua crença não deve basear-se sobre qualquer cousa que não tenha a autoridade expressa das escripturas, e nem acreditar cousa alguma contra ella.

Pouco tempo antes de morrer, o muito conhecido Patrick Henry, celebre orador dos Estados Unidos, collocando a mão sobre a Biblia disse: — « Aqui está um livro que vale mais do que todos os outros; porém, ai de mim! eu não o li com a devida attenção, senão ultimamente! »

Um grande estadista do mesmo paiz, John Randolph, disse com muita emoção: — « Uma prova terrivel de

nossa profunda depravação, é que nos lembramos e nos regosijamos de tudo muito mais do que da Biblia! »

Sir Walter Scott disse ao seu enfermeiro: — « Traze-me o livro. — Que livro? perguntou Dockhart, seu neto — Não ha senão um livro, disse o moribundo: — A Biblia.

Os meios de graça.

S. Marcos Cap. XVI: 15—16. Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a creatura. O que crêr e fór baptizado, será salvo: o que porém não crêr, será condemnado.

No edificio da fé ha proporções que se devem guardar escrupulosamente. De outra sorte perde-se uma cousa essencial á sua perfeição—a unidade. Uma verdade deslçada e exagerada deixa de ser verdade, e torna-se tão perigosa e falsa como uma qualquer mentira.

Examinemos os meios de graça que nosso Senhor ordenou, tendo em vista principalmente fazer sobresahir a dependencia, relação e ordem natural e logica que tem entre si.

A phrase—meios de graça—já está implicando que existe uma pessoa que beneficia e outra beneficiada. Meios pela propria significação da palavra são expedientes da parte de um agente, para conseguir algum intento. Meios de graça ou meios de salvação são expedientes tomados por algum benefeitor, para conceder graça ou salvação a alguem que está no caso de ter precisão della. Cumpre, pois, distinguir entre os meios e o agente que use delles e o fim que se pretende conseguir. Em materia de religião é erro grosseiro confundir o Salvador, os meios da salvação e os que se salvão, ora fallando nos meios assim como se elles fossem quem nos salva, ora referindo-se aos que se salvão na idéa de serem elles os autores da propria salvação.

O Salvador é um só. O ponto central da fé está nesta affirmativa. O theologo que se propozer a explicar o caminho da salvação, sem ter convicção intima desta verdade central, perderá o seu trabalho. Seria um marinheiro que não soubesse usar da bussola. A cada passo irá confundindo o autor da salvação com os meios de que este faz uso, e cuja utilidade depende da sua cooperação. Não estamos sonhando perigos imaginarios. Dá-se muitas vezes o caso supposto. Ha livros que de proposito tratão dos interesses da alma, em cujas paginas difficilmente se encontra, mesino por implicação, a verdade indispensavel para vivificar quaesquer meios de salvação, a saber, a existencia de um Divino Salvador que ordenou esses meios, e que obra por meio delles. A leitura de taes livros dá em resultado um systema de religião, no qual os meios da graça são causas da graça, e o Salvador vivo é substituido por ceremonias e ritos que, divorciados de sua dependencia natural, são mortos. Assim o christianismo converte-se em meras formalidades, e a pobre creatura humana que o abraça, depois de uma infinidade de trabalhos, morre á ningua de verdadeiros meios de salvação.

O salvador é Jesus Christo, filho de Deos e tambem filho da virgem Maria. Em razão de ser Deos-homem, é a fonte de toda a graça. • Nelle estão encerrados os thesouros da sabedoria e da sciencia. (1) Nelle habita toda a plenitude da divindade corporalmente, e nelle é que vós estais cheios. (2) Christo é tudo e em todos. (3) O autor e consummador da fé Jesus. (4)

Eis o autor e agente da nossa salvação! A elle é devida a efficacia de quaesquer meios de que se faz uso na salvação da raça humana. Qualquer rito ceremonial a que falta a autorisação de Christo e com que elle não promette obrar pelo seu espirito, é tão morto como é o corpo humano quando o espirito deixa de habitar nelle.

Passemos agora aos meios de salvação. Por esta phrase não entendemos, nem entenda o leitor, causas que pela sua propria virtude produzem effectos espirituaes. Isto seria commetter o erro fatal acima notado. *Meios de salvação* no seu justo sentido, são expedientes no uso dos quaes Jesus Christo justifica e santifica a alma. Certamente fóra possivel a elle conseguir este fim sem a intervenção de meios; assim como elle criou o mundo por uma simples palavra. Pelo contrario, ordenou que a salvação de homens peccadores dependesse do uso de certos meios. Tratemos resumidamente delles e da sua dependencia natural e logica.

S. Marcos em poucas palavras indica quaes são, e a relação que existe entre elles.

A pregação do evangelho, a fé, o baptismo. Em primeiro lugar está a pregação e note-se, a *pregação do evangelho*. Jesus Christo, cujas palavras S. Marcos refere, não ordena a pregação em geral, deixando ao arbitrio de cada um pregar o que lhe passar pelo entendimento. A unica materia de pregação, no sentido de Jesus Christo, é o evangelho. E' esta uma verdade que deve estar na consciencia de todo o pregador. Ministros de Christo, lembrai-vos disto cada vez que subis ao sagrado pulpito! Não vos occupeis em fabulas e genealogias interminaveis, as quaes antes occasionão questões, do que edificação de Deos, que se funda na fé. (5)

Pregar o evangelho. E' facil comprehender a razão de ser a pregação do evangelho o primeiro dos meios de salvação. O evangelho é a revelação do Salvador ao entendimento do peccador. Enquanto o peccador não conhecer a pessoa de Jesus nem a obra que elle fez, e ainda está fazendo, nem os convites que lhe dirige, não pôde ter o menor principio da vida christã.

O que crer. E' pela fé que o evangelho se arraiga no coração e começa a produzir fruto. O que crê no evangelho, ou, para melhor dizer, o que crê no Salvador revelado no evangelho, no mesmo instante une-se a elle, reconcilia-se com Deos e recebe-o do Espirito Santo, o que é um penhor da consummção da obra da qual a fé é o principio. Pela fé o crente se abraça com o Salvador e assim torna-se participante do pro-

veito da obra consummada na cruz e dos infinitos merecimentos do Redemptor do mundo.

O meio da salvação, por excellencia, é a fé em Jesus Christo. Com fé, no sentido das Escripturas Sagradas, ninguém é condemnado, e sem essa fé ninguém se salva.

A singular importancia da fé nas Escripturas não se explica pelo seu intrinseco valor. A *fé de per si* não é melhor que a caridade. Talvez nem seja igual a essa magna virtude. Mas na obra da salvação de um peccador a fé é o principio de tudo, é a raiz das mais virtudes e o penhor certo da salvação.

Porque? Não por causa de qualquer virtude propria, pois neste caso a fé seria a *causa* da nossa salvação. O Salvador seria substituido pela fé nelle.

A fé é o acto pelo qual o Salvador e o peccador se abraçam pela primeira vez, e dado este mutuo abraço, o crente d'alli em diante vive unido ao seu Salvador tão intimamente, que aquelle participa do fructo da paixão deste, como tambem dos fructos do Espirito, indispensaveis á perfeita santificação. Segue-se pois que o essencial em materia de salvação,—aquillo sem o que não se salva, e com o que não pôde haver perdição, cifra-se nisto: Um Salvador tal qual é Jesus e fé nelle da parte de qualquer peccador. Ha outros meios de grande utilidade e que ninguém despreza sem dar nisso prova de lhe faltar a fé verdadeira, porém é forçoso confessar, que é possivel haver salvação sem elles. O ladrão na cruz deve estar na memoria de todos, como um exemplo disto. Tinha diante de si o Salvador, creu nelle e salvou-se.

E fór baptizado. Note aqui o leitor a ordem estabelecida por Nosso Senhor. Prega-se o evangelho, crê-se nelle, e então baptisa-se nessa fé. Não é admissivel inverter ou trocar esta ordem natural e logica e divina. Ah! quantos abusos não se tem introduzido nos dogmas e nos costumes da igreja de Christo, pelo simples esquecimento da dependencia por elle estabelecida entre estes meios de graça! Ouve-se muitas vezes uma pregação que nada tem com o evangelho. Por consequencia dão-se superstições, lendas e fabulas. Baptisa-se com a idéa de assim conseguir sem fé a remissão dos peccados, a regeneração e a purificação da alma, e n'uma palavra, tudo que as Escripturas dizem ser effectuado pelo Salvador, mediante a pregação da palavra e a fé da parte dos que ouvem a palavra. O baptismo tirado da sua legitima ordem e supposto o meio de produzir a fé, vem a occupar o lugar, não só da pregação do evangelho e da fé, mas mesmo do Salvador, o chama para si tal fé, que o evangelho e Jesus que é revelado no evangelho, ficão substituidos pelo sacramento do baptismo! E neste caso, quem lava os peccados e salva a alma, é o baptismo e não o Salvador!

Lucia ou a leitura da Biblia

POR ADOLFO MONOD.

(Continuação.)

PARTE I.

Conversa sobre a inspiração da Biblia.

O Sr. *Cara*.—Eis-me prompto, senhora, a cumprir a minha promessa.

(1) Col. 2. 3.

(2) Col. 2. 9. 10.

(3) Col. 2. 11.

(4) Heb. 12. 2.

(5) Tim. 1. 4.

Lucia.—Seja bem vindo, senhor Cura, pois estou ansiosa por lhe ouvir.

O Sr. Lasalle.—Visto que entre Vms. deve haver uma conversa em particular, eu me retiro.

Lucia.—Tu não és de mais, meu amigo, e bem sabes que principio a occupar-me em cousas da religião. O senhor Cura, segundo meu pedido, dignou-se vir desvanecer certas duvidas que lhe manifestei. Não necessitas menos do que eu de suas instrucções; e quem sabe, ao contrario do que se pensa, qual de nós está mais proximo da crença?

O Sr. Lasalle.—Não, querida. O senhor Cura não pôde duvidar do gosto que sempre tenho de ouvi-lo; porém, para ti, é melhor que me retire. Conheces o meu espirito sceptico, e o receio de perturbar-te não me deixaria liberdade para explicar-me com a necessaria franqueza, propria de uma discussão profunda, que aliás não temo.

O Sr. Cura.—Cavalleiro, muito menos a temo a religião; antes é um favor, deveria dizer uma justiça, que sempre solicita, porém que raras vezes consegue. Rogo a V. que fique, e que me faça o favor de explicar-se com toda a franqueza. A vista do que acaba de expender, sua presença me é agora necessaria para convencer o espirito da senhora. Por mais que eu respondesse ás suas razões, sempre lhe ficaria a suspeita de que a V. eu não responderia tão facilmente.

O Sr. Lasalle.—Ficarei, já que V. o quer; porém o responsabilizo pelas consequencias. Não se desgoste V. se lhe fallo...

..... com a liberdade

Do soldado que jámais falta á verdade.

O Sr. Cura.—E' isso o que peço, e do que darci o exemplo. A urbanidade, sem duvida, porém, antes de tudo, a verdade.

O Sr. Lasalle.—Bem, senhor Cura, e para ser inteiramente franco, desde já lhe confesso que sou discipulo de Rousseau. Não me agrada Voltaire nem sua escola: é demasiado ligeiro para contentar a um homem pensador, e assaz maligno para agradar a um homem de bem. Minha profissão de fé é a do Vigario Saboyardo. Esse sim, é grave, profundo, eloquente, e nelle vejo o cunho da razão e da verdade. Eu creio em um Deos, e em uma vida futura, e quanto á revclação não creio muito.

O Sr. Cura.—E eu, cavalleiro, se houvesse de escolher um mestre, nomearia a Pascal. Creio que concordará em que ninguem o avanta em verdadeira eloquencia; e que, a respeito da solidex dos argumentos, como a respeito da solidex do character, vallo tanto como Rousseau, não é assim? Mas deixemos os homens, e vamos ás razões. Rogo-lhe o favor de dizer-me quaes são as que o induzem a não acreditar na revclação.

O Sr. Lasalle.—Tenho centos de razões em vez de uma, sendo a seguinte a primeira que me ocorre:—Ha tantas religiões que se julgão nascidas da revclação, como povos ha no mundo. Cada nação tem a sua, que lhe vem de Deos por linha recta, com as suas provas irresistiveis, os seus milagres, e os seus prophetas.

Acreditar em todas, é cousa impossivel, porque ellas se contradizem, e se anathematizão reciprocamente. Então, com que direito escolher? Crer em uma e deixar as outras, não é uma parcialidade manifesta? Para evitar isso, eu sou mais consequente: não creio em nenhuma.

O Sr. Cura.—A sua franqueza não me desagrada de modo algum, cavalleiro; porém sua logica me parece defeituosa. O facto de haver tantas religiões, que, como diz, blasão falsamente de ter uma origem divina, não é prova de que em alguma parte não existe uma verdadeira revclação. Por ventura, se vinte e tres pessoas aspirassem como V. á successão de seu primo o Sr. de Lacombe, seria este motivo sufficiente para que o tribunal devesse concluir da não existencia do herdeiro legitimo, e desprezasse a sua pretensão com a de todos os outros, sem ver os documentos?

Quanto a mim, essas tantas pretensões mal fundadas me dão garantia de que em alguma parte deve haver um direito real. A mentira é cousa excessivamente ligera, para sustentar-se por si mesma. Ella não se pôde firmar senão apoiando-se sobre alguma verdade, em cuja opinião se arrima. Jámais esses vinte e tres competidores, haverião pensado em produzir titulos falsos, se as justas reclamações da familia de V. não lhes houvesse suggerido esse pensamento.

A lembrança de fabricar moeda falsa não apparece senão porque existe a verdadeira: os charlatões não terião tanto credito para com o povo se não houvesse medicos e verdadeiros remedios.

Se Deos não tivesse fallado aos homens, e não o tivesse feito desde o principio do mundo, jámais teria origem o que Rousseau chama a *mania das revclações*. E deste modo, em vez de concluirmos que não ha verdadeira revclação, porque existem muitas que são falsas, devemos dizer pelo contrario: existem tantas revclações, porque ha uma verdadeira. (1)

O Sr. Lasalle.—Essa maneira de raciocinar é inteiramente nova para mim: alguma cousa teria que oppôr-lhe, mas não julgo necessario; porque, seja como fór, basta que haja tal quantidade de revclações falsas para que pessoa alguma possa saber com a qual haver-se.

O Sr. Cura.—Nem tão impossivel como V. pensa. E' verdade que se faz muita bulha com as revclações falsas para desacreditar a verdadeira; porém religiões que seriamente e sem contestação se hajão attribuido uma origem divina, no mesmo sentido que a de Jesus Christo, ou, por outro modo, religiões que nos apresentem um livro cujo autor seja assás conhecido, e que elles o dêem por inspirado, ha muito poucas. Por isso não se pôde fallar senão dessas; pois seria cousa extremamente vã, vir allegar não sei que pretensões que não se achão confirmadas em nenhum testemunho escripto, e a respeito das quaes tudo se pôde inventar, visto que se perdem em a noite dos tempos. Para estabelecer-se uma discussão, é necessario que haja assumpto fundamental; pois em vão compararia V. os titulos da religião christã ao oraculo das sibyllas, ou ás lições de Hermes Trimegistro.

(1) Pensamentos de Pascal, 2ª parte 167.

O Sr. Lossalle: — Pois bem, seja assim, soccorramo-nos das revelações que tem livros escriptos, como V. deseja, e nessa cathogoria, fallemos da religião de Jesus Christo, da de Moysés, da de Mahomet, da de Zoroastro, da de Sanchoniaton, da de Confucio, da de Brama, da de Odin, etc.

O Sr. Cura: — E' o que nego. V. falla segundo seus philosophos do seculo passado, que nem sempre erão escrupulosos em suas asserções. A' excepção de Moysés, de Jesus Christo e de Mahomet, não ha nada de solido em tudo isso; porque os livros que acaba de nomear, ou não são de uma authenticidade demonstrada, ou não se dão por inspirados. E' uma cousa acharem-se nelles algumas palavras sobre um auxilio do céu, e outra que se attribueo elles uma inspiração propriamente dita, como a Biblia, ou o Corão. Falla-me V. da revelação de Zoroastro; porém, quando a tradição não fosse tão incerta, de maneira que ha chegado a contar até seis Zoroastros diferentes; quando ainda mesmo a authenticidade de Zendavesta não fosse tão contestada como é; esse livro seria mais um tratado de theologia, de philosophia, ou de outra qualquer cousa, do que uma revelação. Seu autor é menos um falso propheta do que um legislador, nome que lhe dá o Sr. Anquetil du Perron; e pôde ser comparado a Solon e a Licurgo, que invocáo para suas legislações, a autoridade dos deoses, sem se darem por prophetas. Quanto a Confucio, está tão longo de haver-se arrogado esse caracter, que nos livros de que se suppõe autor, não faz nenhuma menção de Deos nem de uma vida futura. De Sanchoniaton não existe mais do que um fragmento, alguma cousa além de suspeito, que temos de quarta mão: delle nos dão conta os padres da igreja, que citão a Porfirio (adversario declarado do christianismo) o qual cita a Philon de Byblos, e este ao autor de fenicio. E' verdade que os indios possuem livros que acreditão inspirados; porém esses nada têm que se pareça com uma origem authentica, porque a sua está envolta no mais impenetravel mysterio. Não, senhor, fallemos de cousas claras que se possam ver. Eu não conheço senão tres religiões, que por autores conhecidos hão allegado uma inspiração divina; e estas são: a de Moysés, a de Jesus Christo e a de Mahomet. E note V. que todas nascem de um mesmo principio, porque Jesus Christo se funda sobre Moysés; e Mahomet pretende fundar-se sobre os dous. O Velho Testamento, o mais antigo de todos os livros, appella claramente para a inspiração de Deos. E' desta fonte commum que nascerão todas as revelações, verdadeiras ou falsas, que hão tido credito neste mundo, e entre as quaes só existem tres, cujos poderes seria possivel ou necessario verificar.

(Continúa.)

Instrução e culto domestico.

II.

O PAI NOSSO.

(Continuação.)

— O que quer dizer a quarta petição do Pai Nosso?

— Que Deos nos dê hoje o pão de que necessitamos. Matt 6: 11.

— O que devemos entender por *pão*?

— Todo o alimento necessario para o corpo, como tambem para a alma. O *pão* é o alimento principal, e serve para indicar tudo quanto nos é indispensavel.

— Qual a razão de não pedirmos de uma vez o *pão* de muitos dias?

— Deos quer que de um dia para outro descansemos na sua providencia. Pela mesma razão elle ordenou a seu antigo povo, que não colhesse do maná milagroso senão a quantidade que chegasse para um dia. Exodo 16: 11-21.

— Se é Deos quem nos dá o *pão* de cada dia, como é que temos necessidade de ganha-lo por duro trabalho?

(Explique o pai ou o mestre quanto é indispensavel que Deos nos dê forças para trabalharmos—que faz descer tambem a chuva e o orvalho para fertilizar a terra, etc.)

— O que é o *pão* de que as nossas almas necessitam todos os dias? João 6: 33.

— Não poderemos passar ao menos um dia sem recorrer a Jesus Christo?

— Todas as vezes que peccamos ou cahimos em tentação, o nosso unico recurso está na intervenção de Jesus. Portanto, cada dia temos necessidade de pedir o *pão* no sentido espirital.

— O que quer dizer a quinta petição do Pai Nosso?

Matt. 6: 12. Que Deos nos perdôe as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

— Que cousa é uma divida?

— Chama-se uma divida aquillo que a gente tem por obrigação pagar ou fazer.

— Que obrigação tem toda a creatura para com Deos? Marcos 12: 30-31 e Galatas 3: 10. Todo o homem deve amar a Deos com amor perfeito, e a seu proximo como a si mesmo, e faltando a isto, está sob a condemnação de Deos.

— Não pôde ser que Deos se contente com bons desejos da nossa parte, e com uma obediencia menos perfeita?

— Deos é justo e hade executar a sua lei. Thiago 2: 10. O estipendio do peccado é a morte. Rom. 6: 23.

— Temos com que pagar a divida que devemos a Deos, por termos todos os dias faltado ao cumprimento da sua lei?

— Não temos. Mas tal é o amor de Deos, que elle enviou a seu filho, para que por elle ficassemos livres.

(Faça ver o pai ou a mãe de familia, como Jesus pagou por sua obediencia e morte na cruz, de sorte que o maior peccador que se arrependa de seus crimes, e que tenha fé em Jesus Christo, tem um perdão gratuito. Galatas 3: 13, I Cor. 6: 20, Rom. 8: 4.)

— Muita gente quer ser perdoada, porém não tem fé no pagamento feito por Jesus, nem pedem o perdão em seu nome. Por ventura Deos aceita taes orações?

— E' impossivel que Deos perdôe senão aquelles que accitão, pela fé, o proveito do pagamento feito na

cruz. Assim declara a sua palavra, e assim o exige a sua justiça.

— Como sabemos que Deus perdôa as dividas daquelles que tem fé em Jesus Christo ?

Isaias 1:18, Jeremias 33:8, I Tim. 1:15, I João 1:7-9.

— Quem são os nossos devedores ?

— Aquelles que nos tem feito mal.

— Se nós desejamos que Deus nos perdôe, como devemos tratar aos nossos inimigos ?

— E' necessario que lhes perdoemos, assim como esperamos que se nos perdôe. Deus não nos perdôa porque o mereçamos, perdoadando aos nossos devedores, pois a remissão é só por amor de Christo. Porém elle nos perdôa *assim como* perdoamos aos outros.

— Muita gente reza o *Pai Nosso* com o coração cheio de odio e de desejo de vingar-se de seus inimigos. Se Deus lhes perdoasse *assim como* elles perdoão aos seus devedores, que sorte terião elles ?

Em vez de lhes perdoar, Deus se vingaria delles. Por tanto, para que façamos esta oração sem hypocrisia, é mister que o Espirito-Santo nos renove o coração. Quanto não é grave o peccado daquelles que repetem tantas vezes o *Pai Nosso*, só por costume, ou por penitencia, sem de facto terem convicção do que fazem !

UM PRECEITO, PARA DECORAR.

Dai-me, filho meu, o teu coração : e os teus olhos guardem os meus caminhos. Proverbios 22: 26.

ORAÇÃO.

Oh ! Deus, Pai de misericordia, tem compaixão de nós, miseraveis peccadores. São muitas e mui grandes as nossas offensas e dividas. Perdôa-nos, por amor de Nosso Senhor Jesus Christo, cujo sangue purifica de todo o peccado. Ajuda-nos a perdoar e a amar aquelles que nos fazem mal. Defende-nos contra todos os perigos e tentações da presente vida. Não nos falte nem o pão que nos alimenta o corpo, nem o maná espirital de que as nossas almas tanto necessitão. Amen.

ORAÇÃO PARA A NOITE.

Agora me deito para dormir ;
Me guarda, ó Deus, em teu amor ;
E se eu morrer sem acordar
Recebe minha alma, ó senhor.

NOTICIARIO.

As noticias vindas pelo paquete francez que entrou no dia 17 não são de grande importancia.

A questão do tratado franco-italiano e a crise commercial crão os assumptos que mais preoccupavão a Europa. Quanto a este já celebre tratado, como era de esperar, os partidarios do progresso e da unidade italiana o approvão como um passo importante para a solução definitiva do problema que ha longo tempo inquietava o mundo inteiro. Uma fracção deste partido desconfia da boa fé do imperador da França e queixa-se do longo prazo marcado para a retirada das tropas francezas. O partido reaccionario mostra-se muito receioso das consequencias da boa intelligencia que, ao que parece, existe entre o rei da Italia e o imperador da França.

Uma folha estrangeira aprecia a opinião publica da Europa do modo seguinte :

« Os jornaes liberaes francezes e inglezes, e os liberaes moderados italianos continuão a considerar este convenio como favoravel á unidade italiana. Da imprensa reaccionaria a maior parte não occulta seu desgosto por aquelle convenio ; porém outra parte affecta estar convencida de que o documento diplomatico assignado pela França e pela Italia significa a consagração do poder temporal do papa e a renuncia do governo italiano a querer Roma para capital, apesar das declarações do governo italiano e do discurso explicito do Marquez Pepoli no banquete de Milão. Porém os exaltados do partido de acção em Italia tambem se mostrão descontentes do convenio, mostrando-se receiosos de que este acto diplomatico só tem por fim illudir as impaciencias dos italianos e ganhar tempo. »

Não obstante a dolorosa impressão que produziu na Europa a noticia da crise por que acabamos de passar, a situação monetaria parece começar a melhorar. A ultima data confiava-se que uma reacção não tardaria a trazer as cousas ao seu estado normal.

Ficamos alegres com a noticia de estarem já asentadas as bases da paz entre a Dinamarca, a Prussia e a Austria.

Dix a *France* :

« Ia o tratado de paz entre a Prussia, a Austria e a Dinamarca ser assignado em Vienna a 25. Contém 24 artigos, e a questão da successão nos ducados fica reservada para se resolver segundo o que se ajustar entre as duas grandes potencias allemães e a dieta. »

IMPrensa EVANGELICA

Publica-se aos primeiros e terceiros sabbados de cada mez. — Assigna-se no escriptorio da redacção, rua do Hospício n. 99.
Por anno 6\$, semestre 3\$, trimestre 1\$500. Numero avulso 320 réis.

N. 3

SABBADO 3 DE DEZEMBRO.

1864.

IMPrensa EVANGELICA

O combate do bem e do mal.

Tout royaume divisé contre soi memo
será en desert.

MATTH. XII. 25

Tres cousas nos dão testemunho de Deos e de nosso destino: a natureza, a Biblia, e a historia do genero humano.

Muitos homens sabios e veneraveis tem já descripto a historia do mundo e a de cada nação em particular, mas a da humanidade propriamente começa apenas a ser entrevista; o povo não possui ainda um livro edificante que dê da vida aos grandes, tanto como aos pequenos, aos sabios tanto como os ignorantes uma ideia mais nobre, que prêgue aos príncipes maximas incontestaveis, tornando-se para a sociedade e para cada individuo um manancial accessivel para todos.

Na descripção dos fastos humanos os antigos excedem muito aos modernos, no sublime da simplicidade, da dignidade e da força, com que a natureza nos falla; se são menos eruditos na dicção, mostram satisfactoriamente na elevação ou depravação dos destinos do homem as causas e efeitos das mesmas.

Para a educação moral do povo não é tão importante saber, como o antigo passou a ser novo, nem quaes os costumes dos antepassados, as virtudes e paixões dos homens, suas guerras ou tendencias pacificas. Isso pôde talvez interessar aos reis, sob o ponto de vista de conquistas de terras, occupadas por seus ascendentes; aos povos guerreiros, que se estimulão com o valor dos pais; aos artistas, que se inspirão dos grandes modelos dos tempos primitivos, e aos estadistas, que dahi colligem maximas de prudencia e de arte. O lado da historia que mais convém ao povo, e sob cujo ponto de vista elevado tambem a estuda o sabio, é aquelle em que o historiador se nos mostra como juiz da vida, das acções e do destino do passado do genero humano, mas juiz justo, despiído dos prejuizos que censura nos outros; familiarisado com todas as fraquezas humanas, mas sem condescender com ellas. Só assim tratada pôde a historia ser a expressão fiel dos efeitos deste incessante combate do bem e do mal sobre a terra.

O que pôde ganhar realmente o povo com a leitura de livros que só lisonjeio príncipes e dão aos povos

origens fabulosas?— que glorificão heroes pela admiração pueril e vaidosa daquelles que nem podião nem querião já reconhecer seus erros e miseraveis fraquezas, mas divinisação suas conquistas, como se a arte de matar e assolar em grande e com destresa, fôsse o principal do espirito humano; honravão a fortuna, não o coração; ás virtudes singelas preferião as riquezas, a pompa e o terror; tinhão por sua maior felicidade os bens e o dinheiro; lisonjeavão o rico em menoscabo do pobre; pretextavão estima pela virtude para melhor fugirem á sua pratica, e negavão á condição mediocre toda sorte de merecimento?

Mas — da mesma sorte que no mostro borbulhão separadamente as gottas que se apurão e rectificação, assim tambem neste antigo combate do bem e do mal se resolve tudo quanto chamamos fortuna e infortunio; toda modificação dos habitos, costumes, ordem, progresso e decadencia das nações, e destino dos individuos, tudo sabe deste universal e permanente combate do espirital e do animal, do divino e do terrestre.

Este bello modo de vêr o curso dos acontecimentos humanos, que quasi desconhecido se tem tornado nos nossos tempos, foi o dos sabios entre os mäs antigos povos. Elles se achavão mais proximos do que nós do que é divino. Nós estamos mais rodeados e presos do que elles pelas comodidades terrestres, por necessidades e relações que dellas se originão, embora insignificantes. Elles olhavão e consideravão pela vida de um só individuo a vida de um povo inteiro.

O mais antigo monumento do genero humano, que possuímos escripto, nos representa este combate do bem e do mal, do terrestre contra o divino, na forma da serpente no paraizo. Este animal astuto, rojando-se na terra, como imagem de tudo que é vil e máo, prêga a rebellião contra o celeste, a desobediencia do homem contra Deos.

Jesus e seus discipulos mostrão reinando incessantemente no mundo o combate do bem e do mal. Ao reino do mundo oppõe sempre o Salvador o reino de Deos; por isso diz S. Paulo: « Tomai toda a armadura de Deos, para que possais resistir no dia máo, e havendo tudo effectuado, ficai firmes, cingidos vossos lombos com a verdade, e vestidos com as couraças de justiça: e calçados os pés com a promptidão do evangelho de paz. Tomando sobre tudo o escudo da fé, com o qual possais apagar todos os dardos inflammandos do maligno. Tomai tambem o capacete da salvação, e a espada do Espirito, que é a palavra de Deos: orando em todo tempo com toda sorte de oração e sup-

plica em espirito, e velando nisto com toda perseverança e supplicação por todos os santos. (Eph. 6, v. 11 até 18.)

Desde o primeiro fraticídio até o dia de hoje, tudo dá testemunho deste combate. Por entre sangue e lagrimas se esforça a humanidade por sua perfeição e felicidade duradoura, e a não acha, porque esquece sempre o melhor, e volve aos erros, já muitas vezes punidos.

As desgraças dos antepassados têm sido sempre infortunosas para os vindouros, a mocidade zomba orgulhosa das doutrinas da experiencia. O que é conseguido por uma vontade firme, por um coração leal, por uma louvável simplicidade de costumes, destroe depois o proprio interesse com luxo, prazeres illicitos e intrigas. O que faz e edifica de bom o amor do bem publico, desfaz depois a discordia e o egoismo, que não põe a mira senão na conveniencia propria. Não ha para um povo perigo maior do que o mesmo povo.

A calamidade faz o imprudente circumspecto e brioso, mas com ella desaparecem circumspecção e prudencia. A maior desgraça dos homens porém é preferirem á sabedoria a prudencia; dão mais importancia ao que agrada, no momento presente, do que aquillo que seria melhor no futuro. Pospõe-se a virtude pela conveniencia, sem se attender que só aquella traz solidas vantagens.

Creão-se exercitos permanentes, que habeis estrategias tornão invenciveis, inventão-se novas armas, que podem ser excedidas por novos inventos: o que porém não pôde ser excedido por alguma coisa melhor? é precisamente o que, como de proposito, se busca aniquillar—o sentimento de liberdade;—só elle é a garantia infallivel de todos os direitos, porque só por elle podem existir todos. Se a despeito dos mais temiveis exercitos perecem os mais poderosos reinos, é que aquellos que os governo esquecem que os povos têm alma.

Recompensa-se as descobertas que proporcionão á vida novas commodidades, anima-se a industria e o commercio, como se a maior renda publica fosse o alvo unico da paz e da politica, mas a falta de economia no emprego das rendas publicas, ao mesmo tempo que, por toda parte, a pompa, a vaidade e o luxo, afrontão a simplicidade de costumes; brilhantes exterioridades, e empresas puramente particulares, favorecidas com prejuizo da educação publica, donde a perversão dos costumes e decadencia da religião; o pequeno emulando com o grande em dissipação, trabalhando cada um para si, esquecendo todos a tudo que não lisonjeia suas paixões, tendo-se por toda parte em horror a reforma dos costumes, e por loucura o sacrificar-se pelos outros; taes são alguns dos signaes que substituinão a virtude, que quando desprezada foge, trazem a dissolução dos laços sociaes, com a qual se approxima inevitavelmente a ruina total.

Assim perecerão os mais ricos e poderosos povos do antigo mundo. No combate do bem e do mal, triumphou o mal.

E como antigamente, ainda hoje combatem por toda parte a verdade e o erro, o bom senso e os prejuizos agradaveis, o melhor e o peor de origem antiga, o

egoismo e o bem publico, o interesse pessoal dos protegidos e o direito da maioria do povo, as paixões e as leis da razão, o vicio e a virtude, o desprezo da religião e o temor de Deos.

Não foi por certo o mero capricho de reis, que tem occasionado tantas e tão crueis guerras. Ellas forão os fructos deste mesmo antigo combate do bem e do mal, desde as primeiras idades do mundo. Mas este reino do mal e da injustiça, dividido em si mesmo, não pôde permanecer; é desta divisão que nasce o combate. Combate-se por causa do novo e do velho, discute-se o direito e o dever, pró e contra a educação do povo, pró e contra as publicas liberdades e preferencias de familias, pró e contra a liberdade de consciencia, os direitos de nacionalidade. E' ainda o mesmo combate dos seculos passados; só a differença nos nomes, nos combatentes e nas armas.

E como nos tempos passados, ainda hoje a injustiça o homem produz a ruina do homem, a do estado, a ruina do estado.—E' inevitavel.—Pôde-se certamente prophetisar o destino de cada pessoa, como o de cada nação; annunciar sua decadencia, por maior, mais florescente e poderosa que seja em sua integridade. Conservai um povo opprimido, impõe cadeias ao seu espirito, matai nelle a liberdade de pensar; vedai-lhe o caminho para melhores conhecimentos, prégai-lhe o que vós mesmos não credes; e, assim abatido no espirital, animai sua actividade industrial, sua prosperidade material; transformai homens em animais de carga, pacientes, mudos, doces e uteis só para vós, e tereis perdido todo povo inoculando nelle o egoismo, a discordia, a rebellião e a maldição.

Um tal estado deixa de existir quando mesmo ninguem se lembra de o conquistar.

Sím, a verdade triumphou das fogueiras, o direito não succumbio nos carcerees e nos cadafalsos. Como o ouro sahe mais puro do crisol, e o corpo se fortifica com a austeridade, assim a verdade e o direito, fortificados neste grande combate, tão antigo como o genero humano, hão de triumphar, e seus perseguidores e sua geração hão de perecer.

A hypocrisia, ou a ignorancia sempre atrevida, ou o egoismo dissimulado, se enfurecem por amor de seus interesses ameaçados pela illustração do seculo, isto é, pelo conhecimento da verdade; o clamor dos imbecis e cubiçosos ergue-se contra as tendencias da humanidade, que rica de experiencias se emancipa; mas o poderoso carro do presente esmaga em sua passagem os loucos, que transgredindo se oppoem ao direito natural, á Providencia, á opinião e sentimentos humanos, não ao capricho e fantasia de cabeças ociosas.

O passado não volve. O corpo mortal se reduz a cinzas, mas o espirito não morre; assim é com a humanidade. As fórmãs de seculo em seculo se modificão; mas o espirito, indestructivel, cresce, e manifesta-se em novas e bellas fórmãs.

Cada homem representa um papel distincto e occupa um lugar determinado, na grande arena deste combate da luz com as trevas, da verdade com o erro, do bem com o mal. Colloquemo-nos pois (tambem nós outros) ao lado do pequeno numero, que, sem attenção ás suas terrestres vantagens, sustenta o que é verdadeiro, justo

e benéfico para todos. Alistemo-nos na bandeira de Deus, para a justiça e felicidade do genero humano. Jesus é nosso chefe; toda perfidia, injustiça e egoismo nosso inimigo; nosso campo de batalha a vida inteira combatendo pela causa da eternidade! — Não nos perguntamos — morreremos? — Nós viveremos eternamente. Bemaventurados os que soffrem por amor da justiça. Se busca-se o bem, quem pôde fazer-nos mal? — Que importa a obstinação dos que, por amor de seus interesses, desprezão o Divino? Deus é connosco, quem contra nós?

O Pharol.

Quaes os pharoes falsos, que são frequentemente collocados por uma classe de malvados, nas costas perigosas de certas partes da America do Norte, e em outros paizes, com o fim sinistro de fazerem naufragar as embarcações, para exercerem a seu salvo toda a casta de latrocínio; — assim, os inconstantes systemas de religião falsa estão continuamente mudando de posição. Como aquelles, estes só attrahem para desencaminhar, só convidão para arruinar.

O incauto viajante os segue, com vacillante incerteza, e apenas sabe para onde vai quando sente o seu infeliz navio despedaçado de encontro os porcos e rochedos da perdição!

Quão differente porém desses systemas fluctuantes e enganadores não é o inmutavel Evangelho de Jesus Christo, que se eleva entre nós qual o altivo pharol da *Rosa*, projectando sua luz á meia noite sobre a immensuravel extensão do mar!

Enfurecidas ondas, sem numero, já de ha muitos annos e ainda hoje investem contra este pharol; muitos temporaes tem bramido furiosos em torno de seu apice; as chuvas tem envolvido em suas catadupas a sua luzente lanterna; — mas, ainda lá está o pharol da *Rosa*; elle não se move, nem se abala, porque está fundado sobre rocha!

Anno após anno, os navegantes acoçados pelas tempestades, procurão o porto do Rio de Janeiro, guiados por aquella luz brilhante e salvadora: é o primeiro objecto em que seus olhos se fião, no regresso á patria; e depois que a terra natal lhes tem desaparecido na escuridão da noite, é o ultimo objecto que elles vêm, na sua sahida.

Assim acontece com o inmutavel Evangelho de Jesus Christo:

Emquanto alguns systemas nascem, decahem o desaparecem, e outros se apresentam cheios de alterações, equivocos, inconsequencias, absurdos e contradicções, — este Evangelho, qual o seu inmutavel autor, é o mesmo hontem, é o mesmo hoje, e será o mesmo eternamente.

Emquanto as falsas e illusorias luzes vão broxuleando e se extinguindo, — esta luz verdadeira brilha cada vez mais! E sempre, sempre a mesma, ella allumia a entrada, o desenvolvimento e a sahida da existencia humana!

Não ha poder que possa apaga-la.

O Omnipotente a deu aos homens, a sustentou até o dia de hoje, e apesar de toda a opposição e perseguição, a sustentará até o fim!

Elle diz: — *Passaráõ o céo e a terra, mas não passarãõ as minhas palavras.*

O verdadeiro christão chega-se a esta luz, a este Evangelho contido na Biblia, e o acha sempre o mesmo. Não condescende com vicio algum, mas odeia todo o peccado.

As vivificantes doutrinas da cruz, onde o Cordeiro de Deus tirou os peccados do mundo, e que ao principio dorão á sua alma uma paz solida, são ainda a sua consolação; e os preceitos da lei divina continuão a ser o assumpto de suas meditações e do seu gozo.

Estas mesmas doutrinas jámais perderãõ o seu poder para o guiar, nem a sua força para o confortar.

Crentes no Evangelho de Jesus Christo, os seus antepassados sorrirão-se á hora da morte, e, como elles, o verdadeiro christão espera descansar nesse momento de prova; e, como elles, o verdadeiro christão lega a mesma gloriosa herança aos seus descendentes, depois que o seu fragil corpo se tiver desfeito em pó, e sua alma immortal tiver ascendido á bemaventurança eterna!

Como se conhece um bom sermão.

Na Inglaterra um pregador ainda muito moço teve occasião de pregar na presença de um velho e veneravel ministro do Evangelho.

Acabado o sermão, o joven procurou o ancião e perguntou-lhe: — como achou o meu sermão?

— Não esteve bom.

— De veras! Custou-me muito trabalho.

— Não duvido.

— Então não acha que eu expliquei bem o thema?

— Sem duvida.

— Pois então, porque não gostou do sermão?

— O sermão não me agradou.

— Não achou que as comparações de que me servi forão adequadas e bellas, e que desenvolvi com habilidade os argumentos e provas em que o discurso se baseava?

— Sob este ponto de vista, o sermão não peccava.

— Tenha a bondade de dizer-me o que faltava então?

— A falta em seu sermão era Jesus Christo não estar nelle.

— Mas no texto não havia Jesus Christo. E' necessario que se explique o texto, e nem se pôde estar sempre a fallar em Jesus Christo.

O veneravel theologo, fitando os olhos no seu joven companheiro, disse:

— Não sabe que de toda a povoação ou aldeã, ou casinha de Inglaterra, qualquer que ella seja, ha um caminho que conduz a Londres?

— Eu o sei.

Alí! disse o velho theologo: — tambem de todo o versiculo da Biblia ha um caminho que conduz á me-

tropoli das Escripturas Sagradas, que é Jesus Christo. E, meu amado irmão, é de sua obrigação, quando estiver para tratar de qualquer texto, perguntar a si mesmo: — Agora onde é que encontro o caminho que vai conduzir-me a Christo? e então, pregando sobre o texto, deve seguir por esse caminho, até achar-se na grande metropoli—Jesus Christo.

E, accrescentou elle, até ao presente nunca achei uma passagem ou um versículo da Sagrada Escriptura que não me descobrisse fácil caminho para Jesus, e se por acaso achar um verso que não tenha um caminho que siga nesta direcção, hei de abrir caminho para onde está Jesus Christo. Hei de vencer quanto obstaculo se me oppozer, no proposito de buscar o Mestre; pois um serião que não tem em si alguma cousa da graça de Christo, nem conduz o auditorio á sua presença, para nada presta.

Ouve-se muita queixa da esterilidade do pulpito moderno. O remedio é facil: Voltem todos os pregadores á simplicidade primitiva, e, deixando de pregar a si e para si, preguem só a Jesus Christo, e para Jesus Christo!

Do amor de Deos.

(PELO CONSELHEIRO BASTOS).

Degenerada a raça humana pelo crime de nossos primeiros pais; obedecendo tudo ás leis da criação, excepto o homem que fôra creado pouco inferior aos anjos; desherdado, proscripto, e não cessando nunca de se mostrar credor de o ser ainda mais; crescendo a sua corrupção, os seus desvarios, de seculo em seculo, de idade em idade, apesar dos gritos da consciencia, e das severas demonstraões com que em diferentes épocas fôra solememente advertido; Deos podia, por uma segunda inundação, extinguir o genero humano, sem agraciar uma só familia; podia reduzir a cinzas não só uma ou duas cidades florescentes, mas todas as povoações da terra, e acabar por uma vez com uns entes obstinados em offendel-o, quando só existião para amal-o; podia promulgar novas leis, ou renovar as antigas, ao som do trovão, e punir immediatamente os infractores, com o raio; podia converter o dia em noite, derramar o susto, o terror, a consternação por toda a parte, e mandar aos infernos que se abrissem, e patenciassem as scenas pavorosas de seus sempiternos horrores; mas que fez elle? que fez o arbitro supremo, á cuja voz omnipotente o mundo surgira do nada, e que podia do nada extrahir ainda milhares de mundos? Desceu do céu á terra abrazado em amor pelos homens; trouxe-lhes uma moral superior a tudo quanto até então se tinha sabido ou imaginado; ensinou-nos a ser felizes pela revelação dos elementos da verdadeira felicidade, virtuosos pela excellencia das suas maximas, e pelo espectáculo de todas as virtudes; e para nos admitir á herança de que estavamos privados, para nos franquear as vedadas portas do céu, tomou sobre seus hombros o peso enorme de nossas iniquidades, soffreu as maiores

injurias, os mais acerbos tormentos, até verter todo o seu sangue, até dar a vida por nós!

E' estranho, é pasmoso o não crer em tudo isto: mas é o talvez mais o crer e ficar insensível, o crer e deixar de amar! O incredulo tem contra si os mais authenticos testemunhos da historia, assim sagrada como profana, de que se não pôde duvidar sem duvidar de tudo o que não vemos, sem renunciar o senso commum; tem contra si tradições as mais qualificadas; monumentos que fallão e que fallarão sempre ao espirito e ao coração, e que a acção consumidora do tempo não ha podido destruir; é um insensato que trata de illudir-se para não deixar de ser perverso; é um perverso que trata de envolver seus crimes no manto da incredulidade para ver se escapa ao remorso; mas o que crê e permanece indifferente, o que conhece o que Deos fez por elle e lhe não paga um tributo de gratidão, e se não sente penetrado do seu amor, é o ente mais contradictorio, mais incomprehensível que existe na natureza. Ah! quando consideramos tantas finezas, e tanta falta de correspondencia em quem as não ignora nem dellas duvida; tantos excessos de generosidade, e tanta ingratição; tanto amor da parte de Deos, e tanta frieza da parte dos homens; confundimo-nos, e adquirimos a fatal experiencia de que as verdades as mais inverosímeis, são muitas vezes as mais incontestaveis e as mais evidentes. Oh vós, a quem para amar a Deos não bastão nem as sementes do amor lançadas em vossos peitos, nem as suas perfeições infinitas, nem o incessante espectáculo de seus beneficios, nem o mais terminante dos preceitos, nem o mais assombroso dos exemplos, nem o fogo que elle fez descer do céu para extinguir vossa frieza, nem as chammas que sua mão invisível ateou, nem o sacrificio, cuja importancia e cuja grandeza nenhuma eloquencia pôde narrar, nenhuma imaginação comprehender, e que em vossos delirantes devaneios vos julgais superiores ás vulgares intelligencias, que valem muito mais que as vossas;—pensai, reflecti um momento, e vêde de que bem vos privais, e quanto vos abateis, quando estava na vossa mão o elevar-vos.

O amor de Deos purifica os corações mais criminosos; de vasos de ignominia os converte em vasos de eleição!

(Extrahido).

Instrucção e culto domestico.

III.

O PAI NOSSO.

(Conclusão).

Qual é a sexta petição do Pai nosso?

— Não nos deixes cair em tentação. Matt. 6: 13.

— O que devemos entender por tentação?

Chama-se tentação qualquer cousa que nos faz inclinar para o mal, ou que põe em prova a nossa vontade de fazer bem.

— Será possível que Deos nos tente?

Elle muitas vezes nos põe em prova, deixando-nos fazer escolha entre o bem e o mal, e experimentando a firmeza de nosso proposito de fazer bem, mas jámais fez a ninguém peccar. (Confirção-se Gen. 22: 1, II Paralip. 33: 31 e S. Thiago 1: 13).

Que quer dizer então, *não nos deixes cahir em tentação?*

Que nosso Pai ou nos guarde de toda a tentação, ou nos dê forças para podermos sahir salvos quando somos provados. O homem deixado a si, facilmente cahe em peccado.

E' possível escaparmos de ser tentados?

(O mestre poderá mostrar que toda a idade, condição e occupação têm tentações que lhe são proprias, enumerando com mais particularidade aquellas a que elle julgar estarem mais expostos seus filhos ou discipulos).

— Donde vem tantas tentações para o mal?

— Algumas tentações são provenientes do mal que reside no coração de todo o homem, e outras a palavra de Deos attribue ao espirito maligno que se chama o tentador. Matt. 4: 4. Ainda outras nascem da mistura do bem e do mal na sorte de todos nós. Os pobres, os ricos, os sábios e os ignorantes — todos têm suas provações e tentações, e muitas vezes são na realidade maiores aquellas mesmas que parecem ser insignificantes.

— Se formos sinceros em pedir a nosso Pai que elle não nos deixe cahir em tentação, como demonstraremos a nossa sinceridade?

— Vigiando para que não sejamos sorprendidos por qualquer mal, e fugindo de todas as occasiões de peccar, que possamos prevêr.

— Quem é o intercessor dos que são tentados?

— Jesus Christo, pois por ser homem, foi tentado á nossa semelhança, e não só conhece a força das tentações que padecemos, mas pôde também sympathisar commosco, e por ser Deos, é poderoso para nos livrar. Hebreos 2: 17.18, e 4: 15.16. Não precisamos, nem o Evangelho nos offerece outro intercessor. I Timotheo 2: 6.

— Qual é a ultima petição do Pai nosso?

— *Mas libera-nos do mal.* Matt. 6: 13.

Qual é o mal de que procuramos ficar livres?

Esta palavra usa-se aqui em relação a tudo quanto é máo, ou nos pôde fazer mal, entrando aqui o espirito maligno e todo o peccado, e os innumeraveis males e desgostos e tentações de que todo o homem tem experiencia.

— Porque são tantos os males desta vida?

— São o fructo do peccado, e á proporção que o peccado reina sobre o genero humano, hade reinár tambem o mal.

— Como é que nosso Pai nos livra do espirito máo? Lucas 22: 31.32. Dando-nos poder para o vencer.

— Como nos livra do peccado que reside em nosso interior?

— Renovando o nosso coração por obra de seu Espirito. Galatas 4: 6 e Efesios 4: 23.24.

Como nos livra das tribulações e provações da vida?

— Ou tirando-nos dellas, ou fazendo com que contribuão para o bem de nossas almas.

Psalmo 33: 18.20. Rom. 5: 3.5 e Hebreos 12: 6.11.

— Quando terá perfeito cumprimento o nosso desejo de nos vermos de todo livres do mal?

— Em morrendo, todo o christão é bemaventurado. Cessa o combate entre o bem e o mal, e a sua alma goza de felicidade na presença e na sociedade de Jesus Christo e dos santos. João 14: 2.3, II. Corinthios 5: 6.8, Filip. 1: 21.23, Apoc. 23: 3.5.

— Que quer dizer a palavra *Amen*, com que acaba o Pai Nosso?

— Quer dizer *Assim seja*, e significa quanto somos sinceros em tudo que pedimos a Deos. Para que uma oração seja attendida, é indispensavel que aquelle que a faz tenha o desejo de obter o que pede, e que tenha fé de que hade obtel-o pelos merecimentos e intercessão de Jesus Christo. Faltando estas condições, não ha oração que possa subir ao throno de Deos.

PARA SE DECORAR.

Um preceito.—Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. Matt. 26: 41.

Uma promessa.—Deos é fiel, o qual não permitirá que vós sejais tentados mais do que podem as vossas forças, antes fará que tireis ainda vantagem da mesma tentação, para a poderdes supportar. I Cor. 10: 13.

ORAÇÃO.

Nosso Pai nos Céos, por ti são conhecidas as nossas muitas e mui grandes necessidades. Somos fracos, e as tentações com que lutamos são tão fortes, que sem tua divina graça nada podemos. Tem misericordia de nossa fraqueza, e por amor de teu Filho, que se deixou tentar e crucificar por nós, libera-nos de todo o mal. Dá-nos forças para te agradar e servir na presente vida, e na hora da morte faze-nos triumphar, na certeza de uma vida sem fim, no gozo da perfeita felicidade reservada para todos quantos são teus filhos pela fé em Jesus Christo, Nosso Senhor e Advogado. Amen.

LUCIA OU A LEITURA DA BIBLIA

POR ADOLFO MONOD.

PARTE I.

Conversa sobre a inspiração da Biblia.

(Continuação.)

O Sr. Lassalle :— Em todo o caso seria mister, pelo menos, comparar e estudar essas tres religiões, e esses tres livros. E quantos homens haverá capazes de um tal estudo?

O Sr. cura :— Não seria isso um trabalho infinito; e comtudo é facil resumil-o. As religiões judaica e christã estão em tão intima relação, que, se a segunda é de Deos, tambem o é a primeira da qual ella dá tes-

temunho. A religião christã é tão opposta à mahometana, que se aquella é de Deos, esta o não pôde ser. Veja V. aqui uma prova que dispensa de buscarmos outras:—Sendo Jesus Christo Deos, segundo o evangelho, não pôde, como pretende o corão, s-r Mahomet um propheta maior que Jesus Christo. Sendo isto assim, cavalheiro, podemos principiar nossas investigações pela religião de Jesus Christo. Se lhe reconhecermos uma origem divina, nesse caso, tudo já está feito em favor de Moyses e contra Mahomet; e no caso contrario, não nos faltará tempo para depois examinarmos os títulos das outras duas. Esta ordem deve merecer a approvação de V., tanto mais quanto das tres religiões a que mais apparencias tem em seu favor, como V. não pôde negar, é a christã. Veja agora V. a nossa discussão mui simplificada, visto que não se trata já se não de uma só religião, e religião cujos documentos se referem a épocas assaz conhecida. Portanto avalie-se, á vista disto, em que vêm a parar todas as declamações de Rousseau sobre a impossibilidade de se dar um passo na investigação que estamos fazendo. E' verdade que ellas são de uma eloquencia, que arrasta a um ou a outro a seu pezar; porém que não passão da eloquencia de um sophista.

Lucia: — Parece-me, meu amigo, que não podes negar ao Sr. cura o que te pede. Todos ganhámos em ser o objecto da discussão determinado com precisão.

O Sr. Lassalle: — Deixo-me de alguma maneira conduzir como V. o quer, Sr. cura; porém começemos emfim pela religião christã, sem prejuizo das outras.

Eu não nego que haja no Evangelho, sobre tudo em sua moral e no caracter de seu fundador, rasgos admiraveis, que por mais de uma vez me hão feito desejar acreditar nelle; porém esta mesma religião tem cousas tão increvíveis, que não posso nem admittil-as nem concebê-las. Eu direi com o meu autor favorito: — « Si em seu favor vejo provas que não posso combater, também vejo contra ella objecções que não posso resolver. Ha tantas razões solidas pró e contra, que, não sabendo qual destes resultados seguir, nem a aceito nem a rejeito. » *In dubio abstine*, se diz; e por consequente, me abstenho.

O Sr. cura: — Tal não é possível em uma materia como esta. O Evangelho contradiz a opinião commun sobre muitos pontos: uma vez que V. permanece incerto, siga a opinião mais adoptada, e abraçe o Evangelho. Pascal, fallando da existencia de Deos, diz: — « Não affirmar que Deos existe, é affirmar que não existe. » E a respeito da religião christã, isto ainda é mais certo: é resolver-se contra ella, o não resolver-se em seu favor. « Quem não é por mim, diz Jesus Christo, é contra mim. »

O Sr. Lassalle: — Bem poderia acontecer isso; porém não é minha culpa, se o christianismo repugna á minha razão.

O Sr. cura: — Em que?

O Sr. Lassalle: — Ah! Em muitas cousas! Por exemplo, em que Deos se fizesse homem; em que Jesus Christo nascesse de uma virgem; em que o innocente padecesse pelo culpado; em que seja neces-

sario crer em tudo isso, possa ou não, sob pena de arder no inferno, nada menos do que por uma eternidade!

O Sr. cura: — Com permissão, cavalheiro, vamos por sua ordem. Acha V. na doutrina christã cousas que o assombrão e que o escandalisão, já o entendo; porém, o ponto que antes de tudo devemos examinar é, si o Evangelho vem ou não de Deos. Uma vez convencido de que Deos haja fallado, me parece que, seja ou não contrario ás suas idéas, V. não se negará a acreditar no que elle diz; porque, afinal, Deos sabe mais do que nós, e não é prejudicar a nossa razão o submettel-a á do seu creador. V. diz á seu Theophilo que a terra é que gyra e não o sol, e isso é contrario ao juizo de seus poucos annos, e ao testemunho de seus proprios olhos, e entretanto elle o acredita, porque é V. quem o diz, e faz mal nisto?

O Sr. Lassalle: — Faz bem em acreditar, pois deve confiar mais em meu juizo do que no seu. Mas elle está seguro de que quem lhe falla é seu pai, e eu não estou, nem jamais o posso estar de que Deos me haja fallado pelo Evangelho. Esse é o primeiro passo impossivel de dar, pois afinal de contas, como é que hei de assegurar-me de tal, não é com o soccorro de minha razão?

O Sr. cura: — Sem duvida alguma.

O Sr. Lassalle: — Mas se minha razão se acha tão descontente com as doutrinas do Evangelho, como satisfeita com suas provas, o que hei de fazer neste caso? Logo é força que ella seja defeituosa por um modo ou por outro; e não tenho eu tantos motivos para desconfiar della, quando pesa os argumentos, como quando julga as doutrinas?

O Sr. cura: — Não, senhor. Pesas os argumentos e julgas as doutrinas, são duas cousas diferentes. Com sua permissão, proseguirei em minha comparacão. Se a razão de Theophilo se acha tão descontente de ouvir dizer que a terra é que gyra, como convencida de que quem o assegura é seu pai, o que fará neste caso? Segundo V. elle poderá com tanta razão duvidar se V. lhe falla, como admittir o movimento da terra.

(Continúa.)

A morte de Thomazinho.

Quando cheguei á casa, o medico acabava de dizer que a sua molestia era incuravel. Fui logo a seu quarto. Elle me recebeu com um doce sorriso, e agradeceu-me por ter vindo visital-o.

Aquella noite vigiei com elle, e uma ou duas vezes o querido menino insistio em que me deitasse, e que procurasse dormir.

Elle parecia soffrer grandes dôres, mas nem uma só vez murmurou. De madrugada tornou-se muito inquieto, e quando me inclinei sobre elle, e exprimi um desejo de allivial-o, elle disse: « O senhor rogará a Deos para que eu não fique impaciente? » Eu fiz uma curta oração, e quando acabei, elle exclamou: « que

alívio não se acha na oração! parece trazer o Salvador perto de mim!»

Quando sua mãe entrou no quarto, logo depois, disse-lhe—bons dias—com um sorriso alegre. Vendo lagrimas nos olhos della, disse: «não chore minha querida mãe; eu vou para o céu, onde tornarei a ver meu querido pai; e verei também meu amado Salvador.»

«Eu desejava que minha prezada mãe fosse comigo; mas daqui a pouco ella virá também.»

Logo depois peiorou muito; e quando o medico entrou, disse que elle não podia viver muitas horas. Thomaz o ouviu e respondeu: «então logo estarei com Jesus.» Forão estas as ultimas palavras. Depois fez signal, para abraçar sua mãe. E quando ella lhe pediu que elevasse sua pequena mão, se sentisse que o Salvador estava com elle, elle a levantou, e sorria mui docemente; e parecia morrer com aquelle sorriso mesmo nos seus labios.

Quando deu seu ultimo suspiro, eu não lamentava tanto sua perda, como agradecia a Deos, por lhe ter dado uma passagem serena e salva para a gloria.

Esteve S. Pedro alguma vez em Roma? (*)

Semelhante duvida parecerá a alguns individuos tão atrevida, como si se duvidasse que Napoleão esteve em Pariz, ou Constantino na cidade eterna.

Mas a questão proposta offerece maiores difficuldades do que imaginão aquelles que costumão decidir tudo sem pensar primeiro.

E' verdade que desde o tempo de Irinéo, (aos fins do seculo II) quasi todos os escritores antigos referem como cousa geralmente admittida, que S. Pedro estivera na dita cidade; mas não é menos certo que nenhum escritor acreditado, antes daquella época, pareça ter tido informações sobre o ponto em questão, ou si as teve, não julgou importante ou opportuno communicar-nos.

Clemente, Bernabé, Hermas, Ignacio e Polycarpo, se callão inteiramente em seus escritos sobre este interessante assumpto.

Clemente com especialidade é culpado, por haver sido, segundo nos affirmão, bispo de Roma, e 2º ou 3º successor (não se sabe com certeza) de S. Pedro.

Em sua epistola aos corinthios, elle cita como modellos a Pedro e a Paulo, que por amor de Christo padecerão a morte para os excitar á santidade de vida, e assignala mui particularmente os trabalhos e exem-

plos de Paulo, parecendo entretanto ter desconhecido absolutamente o facto de que elle (Clemente) fosse successor do filho de Joriá, e por consequencia bispo do mundo; ou até mesmo de que Pedro houvesse estado em Roma.

Não foi senão até 120 ou 130 annos depois de Pedro, que a conta começou a tomar corpo, e chegou a insinuar-se nas obras de Irinéo.

Se a conversão de Constantino e o estabelecimento do christianismo no imperio romano crão successos ignorados tanto pelos escritores coetaneos como por seus successores, durante mais de cem annos depois da morte daquelle, quem deverá ser tachado de incredulo porque os ponha em duvida?

Jeronymo, (seculo 5º) diz que Pedro foi bispo de Antioquia, durante sete annos, recebendo depois o bispado de Roma, de que gosou por espaço de vinte e cinco annos.

A tradição romana fundando-se principalmente nas palavras de Jeronymo, refere, como cousa indubitavel, que Pedro residio em Roma, de 23 para 29 annos, soffrendo com Paulo a morte no mesmo dia.

1.—Jesus não subio ao céu antes do anno 33 da era christã. Segundo os calculos dos chronologistas, a morte de Paulo teve lugar antes do fim do anno 68, entretanto que a tradição romana tem designado o dia 29 de Junho, como o dia da morte dos dous grandes apóstolos, dando-nos assim um intervallo de 33 para 34 annos, entre sua morte e a de Jesus. Este porém é quasi o termo exacto, segundo Jeronymo, da jurisdicção episcopal de Pedro em Antioquia e Roma, o qual o constitue bispo da igreja de Antioquia, antes desta se ter fundado!!!

(Continúa.)

VARIÉDADES.

Quereis conhecer o homem contra o qual tendes mais razão de vos guardar? No vosso espelho achareis um bom retrato delle.

Quando o infiel vos persuadir a abandonar a Biblia, dizei-lhe que o fareis quando elle vos trouxer um livro melhor.

O homem deve sempre olhar para cima, para consolar-se porque quando os céos em cima estão escuros, a terra debaixo de nossos pés o está muito mais.

Confiar em Deos é honral-o.—Crer nelle, como nosso Pai, é achal-o tal.—Estarmos persuadidos de que elle não nos pôde desamparar, é sabermos que

(*) Este artigo foi publicado em Nova Granada no anno de 1856, em um jornal de Bogota denominado *El Tiempo*.

elle dá livremente muito mais do que podemos pedir. Despedirmo-nos da anciedade egoistica, é descançar no seio do Pai Celestial; é olhar para adiante, sem temor, e praticamente possuir e gozar aquelle amor que é pericito, e que sempre está prompto a sympathisar connosco em nossas provas, a rectificar nossas almas, anticipar nossas exigencias e providenciar eternamente por nós.

NOTICIARIO.

Julgamos de summo interesse a transcripção da seguinte noticia publicada pelo *Correio Mercantil* de 25 do mez proximo passado, e transcripta em seguida nas columnas do *Cruzeiro do Brazil*:

O *Temps* recebeu de Napoles a seguinte carta, acerca do enfraquecimento da influencia catholica romana na Italia.

« Tres classes estão na Italia occupadas em minar a influencia religiosa de Roma :

• 1.^a—Os protestantes.

• 2.^a—Os padres liberaes.

• 3.^a—Os livres pensadores, ou os franco-maçons e outros.

« Tem o protestantismo alcançado grandes vantagens na Italia? Pareceu-me que sim.

« As conversões dos adultos para o protestantismo não são raras em Bolonha, Leorne, Florença e Napoles, onde a propaganda evangelica alcança melhor exito.

« Nestas differentes cidades, e principalmente em Napoles e em Leorne, as conferencias de polemica religiosa, fóra do culto, nas reuniões livres á noite, produzem incontestavel effeito na mocidade. Em Napoles, a discussão theologica, as ordens das idéas protestantes, tem tomado singular extensão entre a mocidade universitaria e uma parte dos operarios.

« Algumas vezes assisti a essas especies de clubs de theologia; concorre muita gente, e as intelligencias são em grande numero.

« Muitos propagandistas protestantes gozão de certa popularidade. Dous ou tres homens populares aceitarão com enthusiasmo as doutrinas evangelicas, e prégão em dialecto napolitano.

« O culto não se pratica ainda senão em uma capella sem apparencia exterior, e em casas. Em algumas partes estas casas, são ao rez do chão, e atrahem a atten-

ção, como em Florença, onde se escolheu uma especie de armazem, no caminho do passeio do Cassino. Esta capella de Florença excita muito o zelo dos catholicos exaltados; é de certo uma daquellas onde tem havido maior movimento desde 1860.

« A primeira igreja consagrada publicamente ao culto protestante, foi a de Leorne, inaugurada no mez de agosto ultimo. A segunda foi a de Napoles, concluida agora no bairro de Chiaja, em uma situação muito visivel, não longe da cidade, e precisamente no caminho que segue do centro da cidade ao passeio. Esta igreja é muito bonita. E' gothica. O portal e uma parte da fachada são de marmore branco. Foi construida por meio de cotisações dos protestantes residentes em Napoles, principalmente os suissos, se me não engano; um banqueiro bem conhecido concorreu para esta despesa com a somma de 800,000 fr. Um dos mais zelosos por esta obra foi seguramente um escritor cujo nome se tornou popular pelos seus escriptos sobre as cousas napolitanas; o compatriota Marc Mouniér.

« Mas onde o protestantismo me parece ter aberto um veio verdadeiramente consideravel, é nas escolas. Em cada cidade de certa importancia fundou-se uma escola protestante, e de ordinario tirou-se della resultado. A escola protestante de Napoles conta 800 crianças, e ha de augmentar, porque a opinião publica conhece que é a melhor estabelocida na cidade.

« Pelo que respeita á Biblia, poucos italianos a têm: este povo não é de muita leitura.

Advertencia aos pais de familia.

Confessadamente a instrucção domestica é cousa de primeira importancia. De direito natural os pais são os legitimos tutores de seus filhos, e sobre tudo em materia de moral e de religião. Elles não podem de todo resignar este direito, sem faltarem ao primeiro dever que lhes impõe a lei, tanto natural como divina.

Julgamos prestar um grande serviço offerecendo em cada numero da *Imprensa Evangelica* um artigo que possa indicar um methodo conveniente para a satisfação deste dever.

Não será escusado dizer que fica completamente á disposição dos pais o fazer as perguntas a seus filhos, limitando-nos apenas a dar uma nórma em nossos artigos.

IMPrensa EVANGELICA

Publica-se nos primeiros e terceiros sablades de cada mez. — Assig-na-se no escriptorio da redacção, rua do Hospicio n. 99.
Por anno 6\$, semestre 3\$, trimestre 1\$500. Numero avulso 320 réis.

N. 4.

SABBADO 17 DE DEZEMBRO

1864.

IMPrensa EVANGELICA

Passando em revista a discussão da assembléa provincial de 26 do proximo passado, na parte relativa á liberdade de cultos, cremos dever sobre ella expender algumas reflexões.

A fórma da discussão apresentando alguma difficuldade em determinar se se allude principalmente á prêgação do Dr. Kelly, ou á liberdade de consciencia ou de culto, ou directa ou indirectamente ao procedimento policial, obriga-nos a analysal-a toda, na esperança de fazermos assim sobresahir a verdade.

Pretende-se, em primeiro lugar, tornar a policia unica responsavel de arbitrariedades, ao mesmo tempo que a defende-se como que não tendo obrado sob sua propria inspiração, nem devendo-o fazer. Sem nos occuparmos do modo por que procederão as respectivas autoridades, não só porque nos faltão documentos como porque preferimos o lado puramente religioso da questão, lamentamos as consequências do emprego da força, sem desconhecermos sua necessidade e efficacia para manutenção da ordem.

Não podemos atinar por que a qualidade de medico seja considerada circumstancia prejudicial ao ministerio evangelico! . . . O que sincera e profundamente nos afflige é que nossos homens de posição, nossos jovens deputados e publicistas não estejam mais em dia com a opinião que de nós propaga por toda Europa uma immensidade de periodicos que não têm outro fim senão nos apresentarem aos olhos do mundo como barbaros.

Não se pense que é cousa nova e de pouca importancia: a opinião publica por toda a parte nos attribue esse tristissimo caracter; á honra e dignidade do Brasil importa, pois, que redobremos de caridade reciproca entre nós mesmos, e de consideração para com o estrangeiro; é um conselho de velha experiencia, e unico meio de nos tornarmos tambem delle respeitad. Na melindrosa época que atravessamos toda a circumspecção é pouca. Não sejamos tão exaggerados, principalmente quando julgamos. Se nos arrogamos o direito de interpretar sentimentos alheios, lembrem-nos que podemos deprimir e calumniar naquillo que constitue nos outros o mais delicado de suas consciencias.

Se queremos ser justos, não digamos: — condemna-remos todas as propagandas que queirão lavar no paiz; — porque, quando obramos com precipitação, até po-

demos tomar por perigosa a propria liberdade de consciencia que o espirito do seculo favorece e que, a despeito de circumstancias que apparentemente parecem as mais proprias para a aniquilar, triumphou, triumphou e sempre triumphará.

* Hontem, (diz o *Constitucional*,) protestava-se contra os capuchinhos e irmãos da caridade, essa milicia do catholicismo, por serem estrangeiros, entretanto que hoje a qualidade de estrangeiro é como um titulo de recommendação para o missionario do protestantismo. A isto ponderamos que não por serem estrangeiros aquelles, porquanto o evangelho não faz accepção de pessoas, mas porque a experiencia de seculos tem satisfatoriamente provado a inofficacia de taes ministerios, que, contendo em sua propria organização germes prejudiciaes á sociedade, não podem curar seus males. Não se diga tão absolutamente: — não pôde ser verdadeiro liberal o que não fór catholico romano —; ahí estão pois as grandes nações para protestarem pelo contrario: uma asserção tão exclusiva é tão falsa, quão perigosa. Nenhuma corporação ou individuo pôde ingerir-se, sob qualquer pretexto, a fiscalisar funções religiosas autorizadas pelo pacto fundamental do estado. Em todos os paizes onde a liberdade não é nominal, mas constitue a verdadeira vida e caracter nacional, a imprensa é o orgão de toda discussão, ella é o elemento, o mais natural, o mais sabiamente determinado para firmar sem minima pressão a opinião publica em tudo quanto lhe interessa.

Quereis para a sociedade todas as garantias que tenham por primeiro broquel o evangelho e por principal protector Christo? E' o que desejão todos os povos e individuos civilizados, é o que reclamão todos os homens bem intencionados de fé. Pretender-se porém hoje interpretar a constituição com restricções arbitrarías, que nos recuarão de seculos aos tempos da inquisição, é ridiculo. No Brasil, onde circula todo genero de livros, propagando liberrima e até licenciosamente systemas bons e máos, pretender-se restringir a pratica do evangelho a uma fé tacita e morta, a pretexto de garantir a sociedade contra propagandas perigosas, é tornar illusoria a letra e espirito da constituição, além de que pretensão tão exagerada deixa facilmente entrever, que a despeito dos mais energicos protestos de zelo religioso, o verdadeiro movel de opposição ao progresso do evangelho não passa de um interesse de classe que, não depositando a mais pequena fé na causa que defende, serve-se de armas improprias para sustentar-se.

Mas não será assim. O odio sempre foi máo conselheiro; se quereis lutar com dignidade, tomai armas espirituaes, a espada da alavra de Deos; ensinai, prégaí, propagai a Biblia, sem vos inquietardes com pequenas e transitórias considerações do respeito humano. Só assim poderá com effeito o Brasil lisongear-se de suas instituições liberaes, sem parecer contraditorio combatendo hoje o que sancionou hontem, e muito principalmente quando se trata de adorar a Deos em espirito e verdade. Nós não nos iludimos quanto á origem destas difficuldades; com ellas contavamos de attenção na propagação do evangelho; a indifferença é a morte da religião no coração do homem; não podendo mais nada crêr, não pôde mesmo comprehender que o espirito de Deos anime e inspilla homens até se sacrificarem, consagrando-se inteiramente á propagação do reino de Deos.—Sim, a indifferença tambem préga seu evangelho, mas um evangelho de commodidades, opposto ao evangelho da abnegação da cruz de Jesus Christo. Essa prégação porém não pôde mais obter senão derrota; por semelhante caminho os inimigos da Biblia contribuirão sempre, nós o cremos firmemente, mesmo a seu pezar, para o triumpho completo da causa de Deos.

Concerto universal para oração.

Alguns annos ha que a maior parte das igrejas evangelicas costuma no principio de cada mez fazer reuniões com o fim especial de supplicar a Deos pela conversão de todas as nações a Jesus Christo, unico salvador dos homens.

Em novembro de 1858 um concilio de missionarios em Lodiana, na India Oriental, convidou todos os christãos para fazerem oração por uma semana inteira no principio de cada anno, para que Deos derramae o Espirito Santo sobre toda carne e torne todos os homens sujeitos ao reino de seu bandido filho. Foi designada a segunda semana do mez de janeiro de 1860 para o primeiro destes concertos universaes de oração. A idéa teve grande accitação entre os fieis de toda parte.

Tem-se regularmente observado nos últimos cinco annos este tempo assim determinado e consagrado em quasi todas as igrejas evangelicas para supplicar humildemente a Deos o cumprimento de suas promessas a seu filho e á sua igreja, o que chegue em breve o tempo em que todos o conheço e reinem sobre a terra pax e santidade.

Grande era por certo a idéa e sublime é o espectáculo de tantos servos de Deos em roda de seu throno, supplicando-lhe a um mesmo tempo esta grande misericórdia que nos promettu. Nenhum dos que conhecem as santas escripturas pôde deixar de ver nisto um signal de aproximação do reino de Deos.

O Senhor promettu attender ás preces do seu povo; elle quer que não sómente sua igreja trabalhe para este fim, como que lhe supplicue mesmo pela conversão de todos os povos do mundo. O Senhor disse a seu Filho (Ps. 2:8) Pede-me, e eu te darei as nações

em tua herança, e as extremidades da terra em tua possessão. A igreja, a esposa do Filho, herdou com elle esta promessa animadora, cujo cumprimento não tarda.

Convidamos nossos leitores, que amão a Jesus Christo em verdade e sinceridade, a juntarem suas preces ás de todos os servos de Deos espalhados por toda parte, principiando no tempo marcado e continuando até 15 de Janeiro de 1865.

Não sendo por certo possivel uma reunião solemne, hasta que em suas proprias casas o fação; o que rogamos é que por modo algum se deixe de supplicar a Deos, que ouve a oração no maior segredo e reconpensa com publicidade.

Para maior estímulo dos amigos de Jesus transcrevemos as seguintes reflexões estatísticas.

Calcula-se a população do mundo em 1,200,000,000 pouco mais ou menos: da qual 720,000,000 são pagãos de varias castas; 150,000,000 mahometanos; 300,000,000 christãos, destes 150,000,000 catholicos romanos; 66,000,000 da igreja grega; 75,000,000 protestantes. O pequeno resto está dividido em setas orientaes. Se attendermos que, depois de 18 seculos, a grande maioria dos homens ainda não recebeu a religião do crucificado, o calculo parece pouco animador.

Ainda não é tudo. Deduzindo da população chamada christã, incredulos, hereges, indifferentes e os menores, supponmos que ha o numero de oito milhões que tem a verdadeira fé em Jesus como salvador.

Para cada cento e vinte cinco pessoas temos um verdadeiro christão. Realmente a proporção é mui pequena!... Mas o poder de Deos e de Jesus Christo nosso rei é infinito e pôde em breve fazer triumphar seu reino.

Um curioso fez o seguinte e muito interessante calculo: se reunissemos mil milhões de velas, e de uma dellas accessassemos quatro por cada minuto, e continuassemos assim proporcionalmente, em menos de treze minutos todas estarião ardendo. Assim seria com os christãos; um só que fosse verdadeiro e convertesse em um anno quatro pessoas, e estas proseguissem a empreza em proporção, em menos de treze annos o mundo inteiro seria convertido a Jesus.

Tomando porém os oito milhões de verdadeiros crentes, como ha pouco suppozemos que existem hoje na terra, e se cada crente fosse instrumento de conversão para quatro pessoas annualmente, dentro de treze annos todos serião crentes de Jesus Christo.

Se não houvesse em todo Brasil senão só cem christãos, sete annos serião sufficientes para trazer o povo inteiro á verdadeira fé no Salvador. Oxalá conceda Deos esta maravilhosa graça, derramando o Espirito Santo sobre este imperio e sobre o mundo inteiro. Assim, o amor de Deos em os nossos corações e a compaixão pelas almas immortaes nos estimulem a trabalhar e orar para conseguirmos este resultado e para reclamarmos o cumprimento das promessas de Deos. E, sem duvida, se cumprirmos com os nossos deveres Deos cumprirá para conosco tudo quanto nos tem promettido.

Lucia ou a leitura da Biblia

POR ADOLFO MONOD.

PART. I.

Conversa sobre a inspiração da Biblia.

(Continuação.)

O Sr. Lassalle:—Vamos, Sr. cura, V. se desvia. Para reconhecer a seu pai basta ter olhos, entretanto que para estudar o movimento dos astros, necessita elle de uma intelligencia que lhe falta, e de observações que lhe não é possível fazer. Ainda que muito joven, Theophilo sabe conhecer esta differença.

O Sr. cura:—Muito bem, o mesmo digo eu: *Ex ore tuo judicabo*, quer isto dizer, cavalheiro, que a sua propria boca deporá contra V.

Para pezar os argumentos, para saber si se hão feito alguns milagres, si se hão cumprido algumas prophcias, não se precisa mais do que fazer certas investigações, de que a razão é capaz; mas, para julgar a doutrina, para saber quem é Deus, qual sua natureza, sua vontade e seus decretos, se necessitam luzes que não possui a razão. Suppór que a Biblia vem de Deus ou dos homens, é, por assim dizer, um feito terrestre, e que está debaixo da observação humana; porém que Deus tenha tal natureza, tal vontade, taes designios, é um feito celestial e que está fóra do alcance de nossa experiencia.

O Sr. Lassalle:—Com perdão, Sr. cura, talvez não o entenda bem; mas me parece que V se contradiz. Volto sempre a este dilema tão simples: ou a razão é capaz de guiar-nos, ou não o é. No primeiro caso ella não necessita de uma revelação; e no segundo, não pôde verificar os poderes ou as provas dessa revelação.

O Sr. cura:—Ahi está V. com essas maximas gerzes e absolutas, com as ques se baralhão as questões, quando se suppõe que se as esclarece. O que se diz é, que a razão é capaz de guiar-nos em certas cousas, e incapaz em outras: pôde guiar-nos nos casos de experiencia e de observações, e isto basta para verificar as provas do Evangelho. Mas emquanto ás cousas de Deus, ella não pôde guiar-nos, e isto basta para que se torne preciso uma revelação. Acontece como no caso de Theophilo, o qual pôde conhecer a seu pai, mas não sabe estudar o movimento dos astros. Façamos outra comparação que se refira mais directamente ainda a esta parte do nosso assumpto. Um cego não pôde por si mesmo descobrir o caminho que ha de seguir; porém sabe muito bem distinguir se a voz da pessoa que se offerece para guial-o é a de um amigo. No primeiro caso, é incompetente o competente no segundo, porque possui o orgão da audição. E nisto não ha contradicção e nem tão pouco a existe em mim, cavalheiro, quando me sirvo das faculdades de que goza minha razão para distinguir, se a voz do Evan-

glio é com effeito de Deus e suppro depois as que lhe faltão deixando-me guiar pela voz celestial,

Desconfiando até que se haja feito a prova, mas depois della confiando perfeitamente; porque minha limitada intelligencia, não tem menos necessidade da luz de Deus, do que o cego dos olhos de seu amigo.

* A razão, diz Santo Agostinho, não se submeteria jamais, se não não julgasse que existem occasiões em que deve submeter-se. E, portanto, justo que se submetta quando julgue que deve submeter-se, e que não se submetta quando julgue com fundamento que não deve fazel-o. Mas cuidado que não se engane!

Lucia:—Meu amigo, é essa uma distincção mui sincera, na qual eu ainda não havia pensado, a qual destrõe uma boa parte das objecções do teu Voltaire.

O Sr. Lassalle:—Não nego isso inteiramente, porém duvido que por isso estejamos mais adelantados, pois ainda fica por saber se nossa razão pôde com effeito verificar os poderes do Evangelho. As provas de revelação, são e devem ser sobrenaturaes; mas nossa razão, que está dentro dos limites da natureza, não pôde abraçar nada do que é sobrenatural. V. nos disse, Sr. cura, que nisto não ha mais do que uma investigação terrestre, e tal eu não concebo, porque, que cousa ha de mais celestial do que um milagre?

O Sr. cura:—E' verdade que o milagre vem do céu; porém se verifica sobre a terra, e nesse sentido é que eu o chamo um feito terrestre que pôde ser observado, ao contrario dos pensamentos e dos decretos de Deus, que nenhum homem pôde vêr e que não podem ser conhecidos senão por sua revelação. O milagre, devendo provar a revelação, não necessita elle mesmo de ser revelado. Vê-se cabalmente como um acontecimento, e os que o vêm dão aos outros testemunho delle. Jesus resuscitou ou não dentro os mortos!

E' um feito que pertence a historia, e uma questão que a razão humana pôde resolver, assim como esta:—Cesar foi assassinado ou não, no senado de Roma? A unica differença que se deve estabelecer entre um milagre e um acontecimento natural, é que em favor do primeiro é justo que se exijão testemunhas mais consideraveis, visto como é difficil de crêr de que o outro e acarreta consequencias mais graves. Porém, uma vez bem provado o milagre, nossa razão, que sabe perfeitamente que a natureza humana não é capaz de semelhantes cousas, se vê obrigada a reconhecer ali a mão de Deus, e a concluir que a religião que é acompanhada de taes é obra sua.

(Continúa.)

Instrução e culto domestico.

OS DEZ MANDAMENTOS.

Primeiro que tudo mande o chefe de familia ou o mestre abrir a Escriptura Sagrada no livro do Exodo cap. 17, e leia-se alto este e também o cap. 20, fazendo ao depois as seguintes perguntas:

— Como se chama o lugar onde ha mais de 33 seculos Deos appareceu aos homens para lhes fazer conhecer a sua vontade?

— Chama-se Sinai e é uma montanha que tem mais ou menos tres vezes a altura do Corcovado, está situada em uma região deserta, perto do mar vermelho.

— Como se acharão os israelitas neste lugar tão triste e deserto, onde não havia agua que lhes matasse a sede nem qualquer alimento que lhes satisfizesse a fome?

— Ha muito tempo Deos havia promettido aos patriarchas Abrahão, Isaac e Jacob que a sua descendencia possuiria a terra de Canaan como nação escolhida e santa. Por mais de 400 annos, depois da morte de Jacob, os seus descendentes ficarão escravos de Faraó, rei do Egypto, e a promessa divina parecia ter fallado. Porém Deos, que nunca pôde deixar de ser fiel ao promettido, a final enviou Moysés para livrar os filhos de Israel da dura escravidão dos egypcios e para os conduzir a Canaan, á terra da promissão, como se vê, Genesis cap. 17:8.

O caminho do Egypto para o paiz de Canaan os obrigava a passar perto do monte Sinai e ahi se acharão acampados quando Deos lhes appareceu para promulgar a sua lei.

— Por que foi esta occasião muito propria para este fim?

— Os israelitas acabavão de presenciar muitos prodigios que Deos obrára por amor delles, tirando-os da mão de Faraó, fazendo-os passar o mar Vermelho a pé enxuto e alimentando-os no deserto com o manná que cahia do céu, e com a agua que milagrosamente brotava do rochedo. Por isso elles se achavão dispostos a escutar e a obedecer a voz de Deos.

Além d'isto estavam para occupar logo a terra da promissão e constituir-se uma nação, com suas leis civis e religiosas. Era necessario, pois, que tivessem mais perfeito conhecimento de Deos e de sua vontade, por escripto, para que todas as leis e usos por elles adoptados se conformassem com a santissima vontade de Deos.

— Que ordens expressas deu o Senhor para que o povo se compenetrasse de quanto era solemne o acto que ia presenciar e de quanto importava guardar escrupulosamente os seus preceitos?

— Deos ordenou que o povo se preparasse dous dias antes para esta solemidade, lavando seus vestidos e purificando-se, e ao terceiro dia em que Deos ia descer ao monte, ninguem se approximasse desse lugar, sob pena de morte. Assim se ensinou quanto importava observar a lei de um Deos tão santo, que ninguem era digno de se approximar d'elle. Ex. 19:9.—13.

— O que se passou no terceiro dia?

— Apenas amanheceu o dia começaram a ouvir-se trovões e a fuzilar relampagos, e o cume do monte appareceu coberto de uma nuvem mui espessa. Logo, Deos desceu no meio do fogo e chamou a Moysés ao mais alto d'elle para lhe entregar a lei.

— Para que não se perdesse o conhecimento das mesmíssimas palavras em que esta lei foi dada a Moysés, quaes forão as providencias tomadas por Deos?

— Elle mesmo as escreveu sobre duas taboas de pedra e mandou que se guardassem ellas na arca sagrada que por ordem divina foi construida e entregue ao cargo dos sacerdotes.

— Quantos mandamentos ou preceitos contém essa lei?

— Dez: e por isso chama-se ella o *Decalogo*, ou a lei dos dez mandamentos.

— Quaes são estes mandamentos, segundo Deos os fallou a Moysés?

— Não terás deoses estrangeiros diante de mim.

Não farás para tí imagem de escultura, nem figura de tudo o que ha em cima no céu e do que ha em baixo na terra, nem de cousa que haja nas aguas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deos, o Deos forte e zeloso, que vinga a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daquelles que me aborrecem, e que usa de misericordia até mil gerações com aquelles que me amão e que guardão os meus preceitos.

Não tomarás o nome do Senhor teu Deos em vão; porque o Senhor não terá por innocente aquelle que tomar em vão o nome do Senhor seu Deos.

Lembra-te de santificar o dia de sabbado. Trabalharás seis dias e farás nelles tudo o que tens para fazer. O setimo dia porém é o sabbado do Senhor teu Deos. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu animal, nem o peregrino que vive das tuas portas para dentro. Porque o Senhor fez em seis dias o céu, a terra, o mar e tudo que nelles ha, e descansou ao setimo dia: por isso o Senhor abençoou o dia setimo e o santificou.

Honrarás a teu pai e a tua mãe para teres uma dilatada vida sobre a terra, que o Senhor teu Deos te ha de dar.

Não matarás.

Não fornicarás.

Não furtarás.

Não dirás falsos testemunhos contra teu proximo. Não cubicarás a casa do teu proximo: não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem outra alguma cousa que lhe pertença.

Exodo 20: 3—17.

PARA SE DECORAR.

Em verdade vos affirmo que enquanto não passar o céu e a terra, não passará da lei um só i ou til sem que tudo seja cumprido.

Aquelle, pois, que quebrar um destes minimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos céos: mas o que os guardar e ensinar a guarda-los, esse será reputado grande no reino dos céos.

Matheus 5: 18—19.

ORAÇÃO.

Deos poderoso e eterno, que nos deste o ser e em cuja presença sempre estamos, ajuda-nos a conhecer, pela fé, que estás agora presente entre nós, para ouvir a confissão e as preces que te dirigimos em nome de Jesus Christo teu bendito filho.

Dá-nos intelligencia para comprehendermos quanto é perfeita, justa e santa a tua lei. Perdóá-nos, Senhor, todo o descuido que temos tido em te não adorar e servir como devíamos, e dá-nos forças para que d'ora em diante possamos guardar fielmente os teus preceitos. Por amor da paixão de Nosso Senhor, na cruz, concede-nos um perdão gratuito por toda a violação de teus mandamentos, segundo as muitas promessas do teu evangelho. Senhor, ouve-nos e sê-nos propicio, pelo amor de Jesus Christo. Amen.

Esteve S. Pedro alguma vez em Roma?

(Continuação).

2.º—Não consta que a conversão de S. Paulo tivesse lugar senão dous annos, pelo menos, depois da ascensão do Salvador, isto é, no anno 35, segundo uns, e segundo outros no anno 37.

Paulo nos dá a saber, (*Galatas* c. 1 v. 18, e c. 2 v. 1.) que 17 annos depois de sua conversão, ou, contando conforme o modo judaico, 15 annos depois, subira a Jerusalém para conferenciar com os mais apóstolos, e que nesta conferencia ficára convencionado que elle, a quem Deos encommendou o apóstolado dos gentios, fosse aos gentios, enquanto que Pedro e os outros apóstolos, aos quaes tocára o apóstolado dos judeus, cuidassem dos judeus.

« Antes pelo contrario, tendo visto que me havia sido encommendado o evangelho do prepucio, como tambem a Pedro o da circuncisão (porque o que obrou em Pedro para o apóstolado da circuncisão tambem obrou em mim para com os gentios); e como Thiago, Cefas e João, que pareião ser as columnas, conhecerão a graça que se me havia dado, derão as dextas a mim e a Barnabé em signal de companhia; para que nós fossemos aos gentios e elles á circuncisão. » (*Galatas* c. 2: v. 7—9).

Esta decisão, pois teve lugar no anno 50, se é que não foi mais tarde, o que apenas colloca o espaço de 16 ou 17 annos até a data da morte de Pedro e Paulo.

Pedro estava então em Jerusalém, não havendo ainda alcançado o bispado de Antioquia, onde pouco depois o encontramos, não residindo, porém de viagem. (*Galatas* c. 2: v. 11.) A designação de Pedro para o apóstolado dos judeus, e de Paulo para o dos gentios, exclue a hypothese de que, ainda que ausente, o primeiro tivesse naquelle tempo o bispado da igreja de Roma, que era gentilia. (*Romanos* c. 11: v. 13.) Portanto a declaração de que Pedro residio de 23 para 29 annos naquella cidade, prova-se que é falsa, pelo menos em relação á extensão do prazo.

3.º—Alguns annos depois, pouco antes de fazer sua ultima viagem a Jerusalém, (*Romanos* c. 15 vs. 23, 31) e cerca do anno 58, Paulo escreveu sua carta aos Romanos, não mais de nove antes de 67, data tradicional de sua morte, segundo se diz.

E' certo que Pedro não era bispo de Roma naquelle tempo, nem se achava na mesma cidade, segundo a crenga de Paulo. Porque, se assim fosse, este teria commettido uma contravenção da politica clerical, escrevendo uma epistola com autoridade apostolica a uma igreja da qual outro apóstolo estava especialmente encarregado, e reclamando, como S. Paulo faz, maior liberdade, em razão delles serem gentios e elle apóstolo dos gentios. (*Romanos* c. 11 v. 13). Esta ousadia teria sido tanto mais culposa, quanto Paulo lhes escreveu sem guardar a devida consideração para com o seu bispo, sem reconhecer sua autoridade, nem seus trabalhos, e sem exhortar os christãos de Roma a que o reverenciassem e o amassem, — procedimento pouco decoroso e menos christão da parte de Paulo, — o que é incrível, sendo Pedro então, como se pretende, cabeça da igreja universal, e tendo ja a sua sé estabelecida em Roma.

Ao concluir a epistola, Paulo saúda nominalmente a mais de vinte e cinco christãos em Roma, e collectivamente aos demais; (*Romanos* c. 16: v. 3—16) porém guarda o mesmo silencio a respeito de Pedro. Toda a epistola aos Romanos é uma refutação terminante e irrefragavel da opinião de que Pedro estivesse em Roma nem mesmo nove annos.

4.º—Tres annos depois, (*Actos* c. 24. v. 27 e c. 28: v. 11) havendo Paulo passado mais de dous em prisões, na Cesarea, chegou preso a Roma, e muitos christãos forão recebe-lo a uma distancia de 10 a 15 leguas; e certamente Pedro então não se achava em Roma, pois ao contrario teria participado do mesmo interesse da vinda de seu grande coadjutor, e teriamos alguma noticia do encontro destes dous eminentes apóstolos, ou na capital do mundo ou no caminho. O referido teve lugar pelo anno 61, segundo a computação commum, tanto dos protestantes como dos romanistas.

5.º—Paulo residio em Roma na qualidade de preso, não encarcerado, mas guardado á vista por um soldado, pelo espaço de dous annos inteiros—em um aposento que alugára (*Actos* c. 28 v. 30.) com quanto devesse ter sido hospede do bispo.

Se Pedro se achasse ausente na epocha da chegada de Paulo, em dous annos teria tido tempo para voltar. Durante esse periodo, Paulo escreveu um numero consideravel de suas epistolas e em quasi todas envia as saudações de toda a igreja em geral e de varios santos em particular, e jámais faz menção do nome de Pedro.

Em uma dellas, a que dirige aos Colossenses, nos dá os mesmos nomes de seus coadjutores, assignalando especialmente os que erão judeus e accrescentando:—Estes sós são os que me ajudão no reino de Deos. (*Col.* c. 4: v. 7—11).

E' pois isto uma exclusão peremptoria e explicita de Pedro do numero de seus cooperadores em Roma.

6.º—Findos estes dous annos, Paulo soffreu o seu primeiro julgamento perante Nero, e foi posto em li-

berdade. (II *Timotheo* c. 4: v. 17.) Mas tão imminente foi o perigo que correu, que elle mesmo diz:—Nenhum me assistio na minha primeira defensão, mas todos me desampararão: permitta Deos que isto lhes não seja imputado.—(II *Timotheo* c. 4: v. 16.)

Temos demasiada boa opinião a respeito daquelle distincto apostolo para cremos que *cabisse outra vez* e que fosse um dos delinquentes, sobre cujo perdão, Paulo rogou a Deos. Mas para poderemos dar effeito à nossa boa vontade, é preciso socorrerem-nos da supposição de que estivesse então ausente de Roma.

Isto nos conduz até cerca do anno 64, sem noticia alguma de sua estada em Roma, prohibindo-nos mesmo a caridade acreditar que elle estivesse occupando a Santa Sé.

Alguns attribuem esta dissertação de Paulo ao seu ultimo processo, o que não destróe em cousa alguma o presente argumento.

(Continúa.)

Testemunhos de homens distinctos, sobre a excellencia da Biblia.

Diz John Locke: As santas escripturas são uma das maiores benções que Deos conferio aos filhos dos homens; tal é a opinião geral de todos os que sabem alguma cousa do seu valor. Nellas o Senhor tem exposto claramente os conselhos de sua vontade, cuja intelligencia é de infinita importancia para nós, para que sejamos aceitos por elle aqui e levados finalmente ao perfeito gozo delle na gloria.

E' admiravel o vêr quão perfectas e proprias são ellas para esse fim: pôde o homem desejar saber alguma cousa para isso necessaria, que sua luz lhe não descubra?

Que direcção pôde elle necessitar, por onde seja fortalecido contra todos os inimigos do seu bem, quer sejam interiores quer exteriores, que alli lhe não seja dada? Que esperanza ou consolação quereirá elle, que ellas lhe não offereção? E que sophisma se pôde oppôr a qualquer parte da verdade nellas contida, a que ellas mesmas não dêem resposta completa, sendo suas passagens tão exactamente explicadas, illuminadas e esclarecidas umas por outras? E todavia com admiração se observa que o homem, para quem são ellas de maior importancia e interesse, tem-nas em pouca conta! Mais depressa se empenha e cança-se por objectos seculares e transitorios, do que se dá com deligencia ao exame das Escripuras, segundo o conselho do Senhor.

A natureza e o poder da oração.

(PELO CONSELHEIRO BASTOS.)

Nas circumstancias graves, nas conjuncturas difficis, o homem algumas vezes hesita e não sabe que

partido deve tomar, ainda que nisso tenha pensado antes. A reflexão o agita, o atormenta e não esclarece. Mas se então eleva seu coração ao céu, se fervorosamente pede a Deos que o illumine, a luz, que lhe faltava, vem em seu auxilio, e toda a sua irresolução desaparece.

Ah! quem desconhece o poder da oração, a força das preces dirigidas ao Arbitro Supremo dos nossos destinos? Não ha cousa mais solidamente estabelecida na religião e theologia christã, do que a infallibilidade da oração. Assim como, diz Fenelon, nós temos obrigação de pedir a Deos que nos conduza em suas vias e nos dê as graças precisas para caminharmos por ellas, assim Deos se obrigou a annuir aos nossos rogos e a estar sempre prompto a ouvir-nos e a socorrer-nos. Quando a oração tem as qualidades necessarias, diz o padre de Lygny, é de fê que Deos a attende e a despacha, ou dando aquillo mesmo que se pede, ou cousa melhor que isso.

São muitos os lugares da escriptura que nos affianção a exactidão desta doutrina. Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome eu vol-o farei tambem, disse Jesus Christo (João 14: 13. 14). Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei e se vos abrirá. (Math. 7: 7; Luc. 11:9). Invocai-me no dia da tribulação e livrar-vos-hei. (Ps. 49, 45). Quem é aquelle que recorreu ao Senhor e foi por elle desprezado? Varios outros textos, espalhados pelos livros santos, são igualmente terminantes. (Vêde psalmo 90:15. Job. 22:27; Is. 30:19; Is. 65:24; João 15:7; Marc. 11:24; Math. 21:22, etc.)

Se acontece algumas vezes pedir-se e nada se obter, é porque se pediu mal, diz o apostolo S. Thiago. (4:5.) E S. Jeronymo diz que todo aquelle que não recebe, que não acha e a quem se não abre a porta, é porque não pediu como devia, não buscou com diligencia, nem batou com perseverança.

Não basta pedir distraído, só com os labios, sem attende para o que se diz; pois como pôde esperar que Deos ouça quem a si mesmo se não ouve? pedir sem humildade, quando nada lhe é mais desagradavel que a soberba? pedir sem confiança, sem fê; pois como ha de ser Deos propicio a quem delle desconfia, até no acto em que a elle está recorrendo? pedir sem amor; pois nada ha mais certo do que, que Deos se não costuma deixar tocar senão do amor que se accende em nossos corações.

Pedindo-se como se deve pedir, é sempre favorável a decisão. A oração, quando merece este nome, é uma protectora efficacissima, a que Deos não resiste: e é ao mesmo tempo a função mais nobre da vida. O homem, orando, exerce o mais bello de todos os direitos, a maior de todas as prerogativas, a de se comunicar directamente com o ente infinito. Sabe da esphera do tempo, entra no imperio da eternidade. Sua alma se engrandece, sua natureza divinisa-se. A alma, pelo contrario, daquella que não ora, abate-se, esterilisa-se; é como uma terra árida, privada das chuvas e do orvalho do céu.

Quando, pois, vos virdes em algumas dessas situações arriscadas, em que a alheia maledicencia usa collocar-vos, pedi a Deos que vos socorra e vos inspire: e se a vossa supplica fór a de um filho affectuoso e submisso, esperando tudo no melhor dos pais, nem ella tardará em ser ouvida, nem elle em inspirar-vos.

Mas é grande erro não vos preparardes de longe. A oração é o alimento da alma; e se nós não passamos um só dia sem darlhos alimento ao corpo, porque passaremos um só dia sem darlhos alimento á alma? Com elle fortificada, se lhe fór necessario entrar em peleja, nem lhe fallecerá o valor, nem a protecção divina a desamparará; privada d'elle, e toda entregue á sua fraqueza, seus passos serão mal seguros, suas quedas repetidas, immenso o seu desalento: e nesse estado de inanição e de perigo, ou nem se lembrará de dirigir alguma supplica ao Senhor; ou, se lh'a dirigir, será tão frouxa que, não podendo elevar-se, cairá na terra como cahem as folhas da arvore a que falta a força para as fazer vegetar.

(*Extrahido.*)

Retrospecto religioso de 1864.

Estamos no fim do anno de 1864. Antes de apparecer o proximo numero de nossa folha, terá começado o anno novo, e tudo quanto temos feito de bom ou de máo no decurso de 1864 já estará inscripto no livro pelo qual se fará julgamento no ultimo dia. Todo o homem dado a reflectir na sua vida interior, e que não vive dominado por suas paixões momentaneas, ao achar-se no limiar de um novo anno, costuma volver os olhos para traz, no intuito de descobrir o rumo que a sua vida vai seguindo e o caminho vencido no anno que está para findar. Tão natural e propria é esta re-

cordação do passado que, deixando de fazel-a, faltamos a um dever importante, e damos uma prova clara de quanto somos levianos, e da pouca ou antes nenhuma significação da nossa vida. Para subtrahir-se alguém a este dever, sem fazer violencia ao que na vida ha de mais nobre e elevado, é preciso tornar-se materialista ou irracional, negando sua responsabilidade pelo passado, e deixando o futuro entregue ao acaso que de tudo dispõe!

Não pretendemos nem mesmo indicar o modo por que este dever melhor se cumpre. É escusado dar regras para satisfazer a um dever aconselhado e inspirado pela propria consciencia de cada um. Diz o apóstolo: — Qual dos homens conhece as cousas do homem senão o espirito do homem que nelle mesmo reside? (1 Cor. 2:14)

A devida apreciação dos factos que se tem dado no decurso deste anno na vida de qualquer de nossos leitores não é da nossa competencia. Só elle mesmo é quem pôde cumprir com este dever.

Limitamo-nos pois a mencionar alguns acontecimentos do anno de 1864 que têm importancia sob o ponto de vista religioso, e que, por serem factos publicos, merecem ser apreciados publicamente. Para annunciar anticipadamente o facto principal, que a nosso ver vai ser elle o começo de um movimento presago, segundo cremos, de um futuro para o Brasil, em que a moral e a religião receberão a seria attenção que incontestavelmente merecem. Parece innegavel que a indifferença quasi absoluta, com que todas as classes têm olhado para tudo quanto se apresenta em nome da religião, vai sendo substituida pelo renascimento do espirito religioso.

É facil apontar factos em que basear este presentimento lisongeiro. Merece ter preferencia a publicação de uma bella edição da Biblia sagrada, pela casa Garnier. Não nos é dado saber os motivos que aconselharão este passo. Quanto a nós, o Sr. Garnier tem prestado um serviço immenso ao imperio todo, e quizeramos ser os primeiros a elogiar o seu procedimento e a animar-o a completar a obra, dando á luz o segundo tomo que nos promete. A demora que já tem havido de certo é bastante longa. Se fosse possível conciliar seus interesses com algum abatimento no preço estabelecido, o publico teria dobrada razão para ser grato á casa Garnier.

Outro facto notavel é a importancia dada nas folhas diarias á discussão de questões religiosas. É de confessar que muita cousa que se tem publicado de modo algum tem o canho da religiosidade, se se toma esta palavra em sua verdadeira accepção. A religião de Jesus Christo, cuja magna virtude é a caridade (que não é invejosa, não obra temeraria nem precipitadamente, não se ensorbece, não é ambiciosa, não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade, tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre), não admite por defensores alguns que neste caracter se têm apresentado pela imprensa diaria. O publico porém saberá fazer a devida discriminação a este respeito, e os que escrevem sobre religião não tardarão a

convencer-se da necessidade de conservarem o espirito evangelico, respeitando as crenças alheias ao mesmo tempo que as analysão.

Este anno tambem tem visto sahir á luz as—*Doze proposições sobre a legitimidade religiosa da verdadeira tolerancia dos cultos, por Efraim*.—Um opusculo, que pelo estylo e pelos elevados sentimentos de seu autor é muito digno de ser lido com attenção. De certo não podemos concordar em tudo o que é expellido neste opusculo, em exposição de alguns mysterios da fé christã. Sómente notamos, com verdadeira satisfação, o facto esperançoso de haver entre aquelles que não são do clero alguns que se occupão de assumptos religiosos. A regeneração da sociedade se opera pelo concurso de todas as intelligencias, e nada ha que nas suas consequencias tenha mais de funesto para os verdadeiros interesses da religião do que a maxima da idade media que dizia ser tudo quanto toca á religião negocio só de padres.

De certo estão na memoria de todos os nossos leitores as discussões havidas sobre a concessão de terreno ao padre Janrard, na assembléa geral, e ultimamente na assembléa provincial sobre as desordens que se derão em Nictheroy, em frente de uma casa em que se achavão reunidas algumas pessoas para ouvir explicar a biblia e para fazer o culto a Deos, seguindo os dictames de sua consciencia. A julgar pelos discursos de alguns deputados provinciaes, e pelo que se tem publicado em algumas das folhas da cõrte, os autores do pacto fundamental, como Saul, no meio do povo de Israel, erão mais altos do que a nova raça de estadistas, do hombro para cima.

Ha de custar á geração actual conservar o bello legado que seus pais lhes conquistãrão por nobres sacrificios. Cada vez admiramos mais a illustração e profunda comprehensão que ostentavão alguns publicistas da época da constituição, e principalmente agora que, nas ruas da capital da provincia do Rio de Janeiro e na sua digna assembléa se negão, tão arbitrariamente, os mais santos direitos consagrados expressamente na constituição do imperio. Os principios invocados para justificar a negação da liberdade de consciencia, á vista da linguagem terminante da lei suprema, não merecem ser attendidos.

Devemos porém fazer justiça ao governo da provincia e á maioria da assembléa, que souberão manter a ordem e provar que o sentimento de liberdade ainda não está amortecido no coração brasileiro. Ainda se comprehende perfeitamente que aquelle que consente em ver outrem arbitrariamente privado do exercicio de seus direitos hoje, ha de amanhã ver-se a si mesmo ainda em peor caso.

Não negamos que esta transição do indifferentismo para a livre e séria discussão de questões religiosas tenha seus perigos, e que se pôde commetter erros; porém, enquanto o governo souber conter cada um na sua esphera, não permitindo que se fação excessos, mesmo sob o pretexto de zelo religioso, não tem lugar serios receios.

Na época em que vivemos é possível dar perfeito desenvolvimento á liberdade de consciencia, como vemos provado pelo exemplo de muitos paizes

E' de receiar o falso zelo que levou um apóstolo a puxar da espada em defesa de seu mestre.

Lembremo-nos todos de que o toque de pedra, em applicação a qualquer religião, é poder ella dispensar os meios de repressão: e, por consequente, o reclamarmos taes meios importa uma declaração solemne de nos faltar fé naquella religião que assim pretendemos defender.

A salvação na Biblia.

Perdido na noite, sem marco, sem norte,
Eu cego, na estrada segui do egoismo;
E quanto mais trevas, mais medo da morte,
E quanto mais medo, mais perto do abysmo!

Oh! Christo piedoso, e tu viste a cegueira
Enchendo minh'alma d'immenso terror;
Estava a meus pés do inferno a fogueira,
E tu me gritaste — sou teu salvador!

— Sou teu salvador, é tempo, não temas,
Por ti fui levado aos braços da cruz!
Escravo do inferno tirei-te as algemas,
'Stás livre, que queres?— mais trevas ou luz?

A luz te pedi, que meu coração
Na senda do vicio, cançado, era velho:
Então me apontaste feliz salvação,
De graça, nas folhas do santo evangelho.

Então fui beber d'ess'agua da vida,
Na fonte divina dos teus testamentos;
Então, p'ra salvar est'alma perdida,
Bastou-me na biblia pôr meus pensamentos!

S. N.

Uma parábola do Evangelho.

E elle propróz esta parábola, dizendo:

Qual de vós outros é o homem, que tem cem ovelhas: e se perde uma dellas, não é assim que deixa a noventa e nove no deserto, e vai a buscar a que se havia perdido, até que a ache?

E que depois de a achar a põe sobre seus hombros cheio de gosto:

E vindo a casa chama os seus amigos, e vizinhos, dizendo-lhes: congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha, que se havia perdido?

Digo-vos que assim haverá maior jubilo no céu sobre um peccador que fizer penitencia, que sobre noventa e nove justos que não hão de mister penitencia.